PEDREIRA DAS ALMAS

JORGE ANDRADE

PERSONAGENS

DONA URBANA
MARIANA, filha de Urbana
MARTINIANO, filho de Urbana
GABRIEL, noivo de Mariana
PADRE GONÇALO, pároco de Pedreira das Almas
VASCONCELOS, delegado de polícia
SARGENTO
CLARA
GRACIANA
ELISAURA
GENOVEVA
POVO DE PEDREIRA DAS ALMAS
SOLDADOS
ESCRAVOS

... ONDE ESTÁS, CAPITÃO, ONDE ESTÁS, JOÃO FRANCISCO, DO ALTO DE TUA SERRA EU TE SINTO SOZINHO E SEM FILHOS E NETOS INTERROMPES A LINHA QUE VEIO DAR A MIM NESTE CHÃO ESGOTADO.

PRIMEIRO ATO

PRIMEIRO QUADRO

CENÁRIO: LARGO DA IGREJA DE PEDREIRA DAS ALMAS. A FACHADA DA IGREJA, COM SUAS TORRES, OCUPA QUASE TODO O FUNDO DA CENA. À ESQUERDA E À DIREITA, PONTAS DE ROCHEDO, VOLTADAS NA DIREÇÃO DA IGREJA E DO CÉU, FORMAM, PRATICAMENTE, UMA MURALHA EM VOLTA DO LARGO. TEM-SE A IMPRESSÃO DE QUE A IGREJA, O ADRO QUE A CERCA, AS ESCADARIAS, O PARAPEITO DE PEDRAS COM SUAS ESTÁTUAS E ANJOS ESTÃO INCRUSTADOS NA ROCHA. O ADRO, O PATAMAR DA ESCADARIA SÃO CALÇADOS COM LAJES GRANDES, ONDE SE VÊEM INSCRIÇÕES DE TÚMULOS. COM EXCEÇÃO DAS DUAS ESTÁTUAS NO PRIMEIRO DEGRAU DA ESCADARIA, AS OUTRAS ESTÃO VOLTADAS PARA O ADRO, COMO SE PERTENCESSEM AOS TÚMULOS. À DIREITA, NA ENTRADA DE UMA GRUTA – ESCONDIDA POR UMA DAS PONTAS DE ROCHEDO -, UMA ÁRVORE RETORCIDA, ENFEZADA, DESCREVE UMA CURVA COMO SE PROCURASSE, INUTILMENTE, A DIREÇÃO DO CÉU: É A ÚNICA COISA DE COLORIDO VERDE QUE HÁ NO CENÁRIO. TUDO É BRANCO, COR DE OURO E CINZA, PREDOMINANDO O BRANCO. À ESQUERDA, FACHADA DE CASA COLONIAL, JÁ ESCURECIDA E GASTA PELO TEMPO; MAIS À ESQUERDA, RUA ESTREITA QUE LEVA À CIDADE. À DIREITA, PASSAGEM ENTRE OS ROCHEDOS, POR ONDE SE DESCE PARA O VALE. PRESSUPÕE-SE QUE O LARGO, EM TODO O PRIMEIRO PLANO, TERMINE À BERA DE UM DESPENHADEIRO. A CIDADE DE PEDREIRA DAS ALMAS ESTÁ O CAVALEIRO DO VALE.

ÉPOCA: 1942

AÇÃO: QUANDO SE ABRE O PANO, O LARGO ESTÁ DESERTO. OUVEM-SE CÂNTICOS RELIGIOSOS NA IGREJA. MARIANA APARECE À PORTA DA IGREJA: ESTÁ VESTIDA DE BRANCO E UM VÉU PRETO COBRE-LHE A CABEÇA. VEM ATÉ O TOPO DA ESCADARIA E OLHA A PASSAGEM DIREITA DAS ROCHAS, VOLTA-SE E CAMINHA PENSATIVA ATÉ A EXTREMIDADE DIREITA DO ADRO; VIRA-SE E CAMINHA PARA A ESQUERDA. SUBITAMENTE, COMO SE OUVISSE ALGUM BARULHO, CAMINHA PARA A ESCADARIA E ENCOSTA-SE NO PARAPEITO DE PEDRAS: FICA PARADA, OLHANDO FIXAMENTE PARA FRENTE, EXAMINANDO O VALE. APESAR DE PREOCUPADA,

MARIANA SORRI, NUMA EVOCAÇÃO QUE LHE É GRATA. O CÂNTICO, NA IGREJA, CONTINUA DURANTE A CENA MUDA DE MARIANA.

CÂNTICO

Santa Marta quando andava no mundo!
Onde ela passava
Os homens diziam:
Onde ela passava
Os homens diziam:
Deixai as águas mais claras
Senhora tão bela!
Deixai as águas mais claras
Senhora tão bela!

(QUANDO MARIANA SE ENCOSTA NO PARAPEITO DE PEDRAS, CLARA APARECE À PORTA DA IGREJA)

CLARA

- Mariana!

MARIANA (Perdida em seus pensamentos, tem um pequeno susto.**)**

CLARA

- Que se passa contigo? Na igreja, parecias distante de tudo, mal ouvias o que o padre Gonçalo pregava.

MARIANA

- Gabriel e Martiniano já deviam ter chegado, Clara.

CLARA

- Com certeza o escravo demorou a encontrá-los.

MARIANA

- Supriano é rápido e ninguém como ele conhece os atalhos do vale.

CLARA

- Com esse movimento de tropas, a travessia do vale é perigosa. É necessário cautela.

MARIANA

- É verdade. Deves ter razão.

CLARA

- Gabriel sabe que estamos à sua espera, que dependemos dele. Ele chegará.

MARIANA

- Sonhamos com essa partida há tanto tempo!

CLARA

- No princípio éramos poucos, hoje somos quase a metade da cidade.

MARIANA (Desce a escadaria e olha as rochas**)**

- Sentávamos aqui, os três. Eu, Gabriel e Martiniano. Durante horas ouvíamos Gabriel descrever a beleza das terras.

CLARA

- Eu os invejava de longe.

MARIANA

- Mas foi Marta quem nos convenceu... de que não devíamos continuar aqui. Pedras, lajes, túmulos... **(**Olha a igreja**)**... e só uma árvore, nenhuma espiga! Ouro, restou o das imagens e altares!

CLARA (Evocativa**)**

- Foi numa das viagens de Marta que meu pai ficou em Pedreira.

MARIANA

- Tanto falou, que Gabriel partiu a procura de novas terras.

CLARA

- Pouco à pouco, as visões que ele trouxe também começaram a povoar meus sonhos.

MARIANA

- Nomes estranhos que soavam como bens de um paraíso distante.

CLARA (Repetem rápidas**)**

- Invernada!

MARIANA

- Cajuru!

CLARA

- Indaiá!

MARIANA

- Monte Belo!

CLARA

- As descrições de Gabriel quase se tornaram orações.

MARIANA

- Repetidas sempre por um número mais de pessoas.

CLARA (Rememora**)**

- Reino devoluto em sagradas sesmarias!

MARIANA (Entra no jogo**)**

- Terras em cabeceiras repousadas!

CLARA

- Em eterno e fecundante abraço!

MARIANA

- Ao Rosário acasaladas!

CLARA

- Cada vez que ajoelhávamos na igreja, tantas são as contas dos terços, eram as vezes que pensávamos neste ribeirão do Rosário.

MARIANA

- Martiniano costumava dizer que as figueiras centenares, carregadas de ninhos de guachos e debruçadas sobre os rios... eram a sua visão predileta. As figueiras! **(**Pausa**)** E agora...

CLARA

- Que foi, Mariana?

MARIANA

- Não sei, Clara. Tantas coisas podem acontecer.

CLARA

- O que te preocupa?

MARIANA

- Martiniano.

CLARA

- Ele está seguro com Gabriel.

MARIANA

- Minha mãe não perdoa...Martiniano ter seguido Gabriel.

CLARA

- Gabriel não teve culpa.

MARIANA

- Mas, por causa dele, Martiniano desobedeceu-a. desde que Martiniano partiu, nem seu nome pronunciou mais.

CLARA

- Depois que Martiniano soube do massacre na fazenda Bela Cruz, Gabriel passou a ser para ele... um exemplo. Era natural que o seguisse nesta revolução.

MARIANA

- Esses argumentos não servem para minha mãe. Martiniano é seu único filho e não pode morrer por uma causa que não seja de Pedreira. Mesmo sabendo que Gabriel luta contra os absolutistas, que usaram escravos para exterminar sua família e os liberais... ela acha que a revolução não passa de uma desordem!

CLARA (Aflita**)**

- Por que, sabendo deste ódio contra ele, o pai fez Gabriel jurar que não partiria? Aqui correria sempre perigo!

MARIANA

- Foi neste vale que comprou sua primeira fazenda. Minerava em Morro Velho, sonhando com isto! Ele contava que debaixo de uma árvore que todos temiam, havia um cruzeiro. Foi onde guardou o ouro para comparar a Bela Cruz. Gabriel teve que esperar.

CLARA

- Mandaste avisá-lo que o pai agoniza?

MARIANA

- Não.

CLARA

- Aquelas terras são generosas, Mariana. Darão vida nova ao povo e farão Gabriel esquecer... **(**Pára, quando avista Gabriel na estrada das rochas**)** Gabriel!...Gabriel!

(CLARA, NO AUGE DA ALEGRIA, CORRE PARA A IGREJA, DESAPARECENDO. GABRIEL E MARIANA FICAM FRENTE A FRETE, OLHANDO-SE, COMO SE NÃO PUDESSEM DIZER NADA. GABRIEL, EXAUSTO, ESTÁ SUJO E COM A ROUPA RASGADA.)

MARIANA

- Gabriel!

GABRIEL

- Mariana!

MARIANA

- Gabriel! **(**Abraçam-se, finalmente**)** Pensei que não viesses nunca.

GABRIEL

- Senti muito a tua falta.

MARIANA

- Morria de medo só de pensar que...

GABRIEL (Carinhoso**)**

- Nada aconteceu. Estou aqui.

MARIANA

- Tenho vivido sem notícias. Cada dia, cada hora que passava... sem saber o que acontecia...!

GABRIEL

- Não vamos mais nos separar.

MARIANA

- Por que não vieste logo?

GABRIEL

- As estradas foram cercadas. Não podia passar.

MARIANA

- A cada instante parecia ver-te subindo pelo caminho da pedreira.

GABRIEL

- Uma revolução não termina de um dia para outro, Mariana.

MARIANA

- O sol me encontrou sentada nas rochas. Meus olhos cansaram de vigiar o vale.

GABRIEL

- Esperavas-me? Hoje?

MARIANA

- Desde que amanheceu. Não encontraste Supriano?

GABRIEL

- Supriano?

MARIANA

- Teu pai pediu que te chamasse. Não foi por isto que vieste? Que foi, Gabriel?

GABRIEL

- Pensei que soubesses.

MARIANA

- Soubesse o que?

GABRIEL

- Fomos derrotados.

MARIANA

- Derrotados?

GABRIEL

- Baependi caiu!

MARIANA

- Caiu? Então... todo o vale...?

GABRIEL

- Está sendo ocupado.

MARIANA

- E Martiniano?

GABRIEL

- Foi preso.

MARIANA (Apavorada, leva a mão à boca, sufocando um grito**)**

- Não!... Não!

GABRIEL (Abraça Mariana**)**

- Martiniano não corre perigo. Ninguém o conhece. Logo será dispersado, junto com os outros.

MARIANA

- Mamãe não nos perdoaria nunca... se Martiniano....!

GABRIEL (Impaciente**)**

- Não vamos pensar em morte, Mariana.

MARIANA (Angustiada**)**

- Estamos sempre dependendo dos morto. Cercados de mortos.

GABRIEL

- Logo estaremos mais.

MARIANA

- Como não pensar se a morte está aí dominando o pensamento de todos. Se dela sempre dependeu...Perdoa-me, Gabriel. Não sei mãos o que digo.

GABRIEL

- Meu pai está muito mal, não é verdade, Mariana?

MARIANA

- Para ele será um descanso, Gabriel. Desde aquela ocasião na Bela Cruz, só tem sofrido.

GABRIEL

- Mariana! Não posso esperar mais. Há ordem de prisão conta mim. Foi por isto que não esperei Martiniano.

MARIANA

- Ordem de prisão?

GABRIEL

- Vou ser um dos processados.

MARIANA

- Mas tomaste parte apenas como soldado. Todos sabem disto.

GABRIEL

- É fácil prever os acontecimentos. Há vinte anos armaram os escravos... agora...!

MARIANA

- Aqueles tempos passaram, Gabriel. O que aconteceu na Bela Cruz não pode se repetir.

GABRIEL (Revoltado**)**

- Pois estão fazendo o mesmo em todo o vale. Destroem e confiscam fazendas.

MARIANA (Aflita**)**

- Precisamos partir!

GABRIEL

- Eles não me prenderão Mariana.

MARIANA

- Casaremos e partiremos o mais depressa possível.

GABRIEL

- Verás como é belo o lugar que escolhi para nós.

MARIANA (Evocando**)**

- Perto de uma grande figueira, às margens do Rosário, construiremos a casa.

GABRIEL (Saem abraçados**)**

- As matas, o rio, as terras... As terras, Mariana, são o que há de melhor no mundo!

(ENQUANTO GABRIEL E MARIANA DESAPARECEM, À ESQUERDA, O POVO SAI DA IGREJA E ESPALHA-SE PELO LARGO; ALGUMAS PESSOAS FICAM NA ESCADARIA, OUTRAS PERMANECEM NO ADRO. FORMAM GRUPOS E CORREM, MUITO EXCITADOS, DE UM LADO PARA OUTRO. AS VOZES VÃO AUMENTANDO, POUCO A POUCO, ATÉ ATINGIREM O PONTO MÁXIMO, QUANDO ENTRAM EM CONFLITO)

POVO

- Gabriel! Quem chegou? Gabriel! Quem foi que chegou? É Gabriel?
  Gabriel voltou.
  Vamos partir. Não deviam falar. Precisamos só de Gabriel.
  Por que terras cansadas?
  Se não forem, nós iremos.
  É uma impiedade.
  Se fosse Mariana casaria e partiria.
  Ele vai enterrar o pai aqui?
  Há tempos que as minas esgotaram.
  Só se for na última laje.
  Eu sabia que Gabriel voltaria.
  Não passa de uma aventura.
  Haverá minas de ouro?
  Terra acabada! O castigo de Deus virá.
  Mortos! Terras férteis! Recordações!
  Árvore enormes.
  Parta, então! Nós temos direito!
  Vamos construir um novo cemitério.
  Partiremos todos!

GRACIANA

- Não permitirei que ninguém da minha casa abandone Pedreira das Almas.

ELISAURA

- Vocês não têm amor a sua terra?

GENOVEVA

- Queremos viver!

GRACIANA

- Deus castiga quem abandona seus mortos!

HOMEM

- Gabriel é um ímpio!

HOMEM - Sofreu mais do que você!

MULHER

- Não ama nossa cidade!

MULHER

- Acaba de lutar por ela!

CLARA

- Por que havemos de continuar?

GRACIANA

- Porque é nossa cidade!

CLARA

- E passaremos o resto da vida guardando cemitérios?

ELISAURA

- Cemitérios onde repousam teus antepassados!

GENOVEVA

- Se for necessário, arrancaremos essas lajes e os levaremos!

GRACIANA (Aterrorizada**)**

- Isso é uma ofensa a Deus.

CLARA

- Então fiquem! Nós partimos!

ELISAURA

- Não abandonaremos nossa igreja!

GENOVEVA

- Ergueremos outra no planalto!

GRACIANA

- Desceremos ao vale e traremos terra para o novo cemitério!

CLARA

- Não queremos ficar numa cidade onde não há terra nem para os mortos!

MULHER

- Deus ouvirá nossas preces!

HOMEM

- Aqui, tudo agoniza!

HOMEM

- Sacrílego!

HOMEM

- Província de injustiças e massacres!

HOMEM

- Para liberais e desordeiros como vocês!

MULHER (O povo se espalha**)** Não! Não façam isso!

MULHER

- Meu Deus! Acudam!

(ENQUANTO PADRE GONÇALO APARECE À PORTA DA IGREJA, DOIS HOMENS ENTRAM EM LUTA. GONÇALO DESCE A ESCADARIA E SEPARA OS HOMENS.)

GONÇALO

- Em frente da casa de Deus! Perderam a razão?

MULHER (Angustiada**)**

- Gabriel voltou, Padre Gonçalo.

GRACIANA

- Ele envenenou Pedreira das Almas!

CLARA

- Deu esperança novamente a todos nós!

MULHER (Sai correndo**)**

- Vamos partir!

(O POVO SAI EM DIREÇÃO DA CIDADE. UNS CONTINUAM TRISTES, OUTROS CORREM ALEGRES. URBANA APARECE À PORTA DA IGREJA, TODA VESTIDA DE CINZA-ESCURO. QUASE DA COR DAS ROCHAS.)

GONÇALO

- Não viram Martiniano?

HOMEM

- Não.

GONÇALO

- Gabriel não falou nada sobre ele?

HOMEM

- Só sabemos que Gabriel está na cidade e que vai partir.

HOMEM

- Todos, Padre Gonçalo!

(OS HOMENS SAEM. GONÇALO FICA PARADO, OLHANDO FIXAMENTE PARA FRENTE; SEU ROSTO SE CONTRAI NUMA EXPRESSÃO AMARGA)

URBANA

- Que há com o povo, padre Gonçalo?

GONÇALO

- Gabriel voltou.

(PAUSA. URBANA, IMPASSÍVEL, DESCE A ESCADARIA, DIRIGINDO-SE PARA A ENTRADA DA GRUTA.)

GONÇALO

- Martiniano já deve estar a caminho de Pedreira.

URBANA

- Não perguntei nada, Padre Gonçalo. O que o senhor queria dizer sobre o forro do altar-mor?

GONÇALO

- Há uma goteira. Precisa ser reparada antes que venham as chuvas.

URBANA

- Devemos começar a construção do cemitério, também. Com as chuvas a subida da montanha é quase impraticável. Os cargueiros trazem a terra do vale até onde puderam subir; depois carregamos com balaios. Mandaremos tirar as pedras nas galerias. Assim fez meu pai.

GONÇALO

- Acho perigosos, Urbana.

URBANA

- Perigosos por quê?

GONÇALO

- As galerias não oferecem mais segurança. Algumas estão ameaçadas de desabar. Podemos tirar nas rochas.

URBANA

- Vamos tirar nas galerias à gruta. Aí nasceu o poderio de Pedreira. Essas pedras lembram feitos de bandeirantes que foram exemplos, Padre Gonçalo.

GONÇALO (Caminha, examinando o adro**)**

- Tudo aqui lembra exemplos que passaram.

URBANA (Com profundo respeito**)**

- Foi nesta gruta que meu pai teve, pela primeira vez, a visão de sua cidade.

GONÇALO (Olha a igreja**)**

- Firme e calma como um templo!

URBANA

- Atravessa o sêrro com a comitiva, quando teve que se esconder. Os companheiros espalharam-se pelas rochas, enquanto caía uma tempestade.

GONÇALO (Distante**)** - Sossegada e longe do vale com seus sofrimentos!

URBANA

- Mais perto de Deus, eu diria! Quando passou a tormenta, os companheiros não conseguiram achá-lo, tão bom abrigo era a gruta. Entrara atrás da pedra do nicho. Somente quando chamou, é que conseguiram localizá-lo.

GONÇALO (Num sussurro**)**

- Mais perto de Deus!

URBANA

- Encontraram sinais estranhos na rocha, e uma imagem de São Tomé no nicho de pedras. "Este é o lugar para a cidade. São Tomé nos protegerá, como nos protegeu da tormenta!" Descobriram ouro na gruta. Abriram galerias que foram sair em dez pontos diferentes do morro, como se fossem dez portas de Pedreira. Mais tarde, partindo daqui, abriram lavras por todo o vale e fundaram novos lugarejos.

GONÇALO (Perdido em seus pensamentos**)**

- E ergueram a igreja majestosa!

URBANA

- Com sacrifícios sem conta, Padre Gonçalo.

GONÇALO

- Quando cheguei em Pedreira tinha o firme propósito de abrir uma capela de légua em légua e prestar assistência a todos os homens do vale. A igreja me pareceu a mais bela da província! Quando entrei neste largo, não podia acreditar que havia recebido tamanha graça de Deus. Senti-me como se estivesse perto dele! Hoje, conheço mais as suas pedras do que os homens que se ajoelham sobre elas! **(**Contrai-se**)** Raras vezes desci ao vale! Minhas capelas foram fechadas!

URBANA

- Nossa igreja bastava para todos.

GONÇALO

- Não devia bastar a mim!

URBANA

- Que há com o senhor?

GONÇALO (Como se aceitasse a determinação de uma força superior**)**

- Igreja sem homens é igreja sem Deus!

URBANA

- Como, igreja sem homens, Padre Gonçalo?

GONÇALO

- Eles vão partir, urbana.

URBANA

- Meia dúzia de ímpios! Eu, meus filhos e muitos permanecerão aqui.

Vão aqueles que não amam Pedreira. Esses não importam.

GONÇALO

- Todos os homens importam a Deus, Urbana!

URBANA

- Mas nem todos importam a Pedreira.

GONÇALO (Deprimido**)**

- Depois do primeiros... irão todos... aos poucos. Contra isso não podemos lutar.

URBANA

- Enquanto estiver viva será contra isto que lutarei.

GONÇALO

- Há muito que sonham como planalto. Tenho ouvido isto durante anos, cada vez por um número maior de pessoas. Repetem sempre as mesmas frases, como se temessem esquecer esse ribeirão do Rosário, as matas e a cor daquela terra!

URBANA (Indignada**)** - E o senhor nunca me disse nada!

GONÇALO - Como poderia dizer ? Eram coisas que diziam , ajoelhados no confessionário. Desejavam tanto que temiam ser pecado!

URBANA

- E não é pecado desejar o abandono dos mortos, Padre Gonçalo?

GONÇALO

- Houve pecados maiores, dona Urbana. Foi por causa deles que os homens começaram a perder a fé.

URBANA

- Que pecados?

GONÇALO

- Os responsáveis têm pensado somente em seu poder, em seu orgulho de dominantes, em seus templos! Esqueceram-se de que os homens, sem ouro da terra, não podiam viver. Quanto menos ouro se extraía, mais tributos eram exigidos!

URBANA

- A lei tem sido pesada para todos.

GONÇALO

- As vozes que se ergueram contra foram abafadas com violência.

URBANA

- Se tudo isto aconteceu na província, a culpa não foi nossa e muito menos minha.

GONÇALO

- Há culpas que esquecemos, dona urbana. Que atitude tomamos quando foi assassinada a família de Gabriel?

URBANA

- A polícia tomou as medidas necessárias: os escravos foram presos e executados. Todos!

GONÇALO

- Não ficou provado quem deu as armas aos escravos, e muitos afirmaram que foram agentes do partido absolutista.

URBANA

- O que não compreendo, Padre Gonçalo, é o interesse que o Governo teria naquele massacre!

GONÇALO

- Era conhecido de todos o ódio do pai de Gabriel aos absolutistas. Homem de idéias avançadas! Para ele, o trabalho era uma oração! Costumava dizer: só obedeço ao relógio, única coisa que meu pai me deixou. Compreendia os escravos... e no entanto! Dona Urbana! O extermínio da família de Gabriel foi o começo. Sinto que grave ameaça paira sobre nós.

URBANA

- Padre Gonçalo! Que está acontecendo ao senhor?

GONÇALO

- Revoluções em pouco tempo, levantes de escravos, os homens não encontram mais trabalho.

URBANA

- Trabalho sempre há para quem quer trabalhar.

GONÇALO

- Cobriram os vales de cascalho... Sonharam apenas com ouro!

URBANA

- Era a recompensa da nossa terra.

GONÇALO

- Continuaram sonhando com arrancar touceiras de capim e ver cair ouro em pó de suas raízes!

URBANA (Orgulhosa**)**

- E houve tempo que assim foi.

GONÇALO (Deprimido**)**

- Ouro fácil, à flor da terra, traz consigo o castigo de Deus. Precisamos aceitar a verdade, e a verdade é que temos vivido distantes de tudo.

URBANA - Cada um vive em seu lugar.

GONÇALO

- Quando os homens se desesperam, só as recordações não bastam, dona Urbana.

URBANA

- Não vai acontecer nada. Para isto sempre mantive Pedreira distante dessas desordens.

GONÇALO

E que adiantou? Estamos envolvidos na revolução.

URBANA

- Gabriel. Nós, não.

GONÇALO

- Muito mais do que a senhora pensa.

URBANA (Retesada**)**

- Foi aquela mulher! Cada vez que visitava o pai de Gabriel, alguma coisa acontecia em Pedreira.

GONÇALO

- Marta?

URBANA

- Ela mesma. E numa das vezes deixou aqui esse Manoel de Abreu. Gentinha!

GONÇALO

- Era uma pobre louca de estrada! São idéias de Gabriel. De ninguém mais.

URBANA

- Sei o que digo, Padre Gonçalo. O senhor mesmo acaba de repetir palavras dela!

GONÇALO

- Eu?

MARIANA (Aparece à esquerda, pára e observa Urbana e Gonçalo**)**

URBANA

- Quem falava em lençol de pedras e vales cobertos de cascalho? Quem maldizia o ouro da Província e nossas confrarias? Quem falava no empobrecimento da terra e dos homens? Deve ter feito a mesma coisa por onde passou!

MARIANA

- Mamãe! A revolução terminou.

GONÇALO

- Martiniano...?

MARIANA

- Martiniano está bem. Deve chegar logo a Pedreira.

URBANA

- Mandarei tirar as pedras imediatamente. Quanto à goteira...

MARIANA

- Mamãe! Gabriel vai partir.

URBANA

- Não me interessa, Mariana, o que Gabriel faça.

MARIANA

- Peço permissão para me casar e acompanhar meu marido.

URBANA

- Esse casamento não é mais de minha vontade. Se não fosse pelo pai de Gabriel, já o teria desmanchado. Em todo caso não impeço, desde que ele prometa, sob juramento, não sair de Pedreira das Almas.

MARIANA

- Gabriel vai ser processado, mamãe.

URBANA

- Não me admira. É esse o fim dos desordeiros.

MARIANA

- A senhora sabe que é a perseguição às famílias liberais que continua.

URBANA - O Governo deve ser respeitado. Não é com desordens que se corrigem erros.

MARIANA

- Nem tampouco com indiferença ao sofrimento dos outros.

URBANA

- O que não me diz respeito, não me diz respeito!

MARIANA

- Injustiça diz respeito a todos! Estão confiscando fazendas e prendendo famílias inteiras. Dobram, pelo terror, uma gente já empobrecida e sem defesa. As famílias de Pedreira também podem ser atingidas.

URBANA

- É conhecido de todos o meu respeito à lei, à ordem.

MARIANA

- Para opressores esses argumentos de nada valem. Sempre quiseram impor leis a poder de espadas. A senhora se esquece da Bela Cruz?

URBANA

- Se Gabriel gosta de ti, deve se casar e ficar em Pedreira.

MARIANA

- A senhora me ouviu dizer que Gabriel vai ser processado! Como podemos ficar aqui?

URBANA

- Então, não temos nada a discutir.

MARIANA

- Temos, sim senhora.

URBANA

- Como ousas elevar a voz?

MARIANA

- Defendo um direito meu.

URBANA

- Se é direito, então para que pedes a minha autorização?

MARIANA

- A senhora é minha mãe.

URBANA

- Procede, então, como filha. E como filha deves entender que sei melhor o que te serve.

MARIANA

- Gosto de Gabriel e quero segui-lo para onde for. Principalmente na situação em que está.

URBANA

- O castigo de Deus tarda, mas não falta.

GONÇALO

- Cuidado, Urbana. Não diga isso!

URBANA

- Respondo pelos meus atos, Padre Gonçalo.

MARIANA

- Não posso acompanhar Gabriel sem a benção da senhora. Procure compreender, mamãe.

URBANA

- Abençoar esta partida, será a última coisa que farei.

GONÇALO

- Dona Urbana! Deixemos que Deus decida.

URBANA

- Decido o que me toca decidir. É aqui o nosso lugar.

MARIANA

- É o que a senhora deseja, mamãe? Que Gabriel, Martiniano...

URBANA

- Não envolvas teu irmão nesta aventura.

MARIANA - ... que os homens enfim, passem a vida sonhando com minas de ouro inexistentes?

GONÇALO

- Pensando em cosias que passaram.

MARIANA

- Não temos lugar nem para os mortos. Se o pai de Gabriel...

URBANA (Violenta**)**

- Ninguém mais fale, em minha presença, que não há lugar para os mortos em Pedreira das Almas.

GONÇALO

- Só para os mortos, dona Urbana. Não há mais para os vivos. São eles que precisam viver.

URBANA

- Poderão viver... mas não à custa da destruição de Pedreira. **(**Todo seu rosto se contrai pelo ódio**)** Que a minha maldição caia sobre os impiedosos que o fizerem.

GONÇALO

- Urbana! Sua decisão é pecaminosa!

URBANA

- Se for pecado honrar e amar os antepassados, a cidade e os feitos de meus pais...não poderei viver a não ser em pecado!

GONÇALO

- A senhora está cega! Não vê o que esta dizendo!

URBANA

- Já disse que respondo pelos meus atos.

GONÇALO

- Aceitemos nossas culpas, para não recebermos um castigo maior.

URBANA

- Não há castigo maior do que a morte de minha cidade.

(GABRIEL ENTRA. GONÇALO VAI AO SEU ENCONTRO.)

GONÇALO

- Gabriel!

GABRIEL

- Padre Gonçalo! Meu pai chama pelo senhor.

GONÇALO (Abaixa a voz**)**

- Mariana! Não fale mais nada. Depois resolvemos.

(GONÇALO DIRIGE-SE, APRESSADO, PARA A IGREJA E DESAPARECE. PAUSA CARREGADA. O ROSTO DE URBANA CONTINUA IMPASSÍVEL.)

MARIANA

- Teu pai...?

GABRIEL

- Já não me reconheceu mais.

MARIANA

- Vem! Vamos ficar com ele.

URBANA (Quando Gabriel e Mariana se voltam**)**

- Gabriel! Vosso pai é uma das pessoas mais admiráveis que conheci.

GABRIEL

- Ninguém como ele respeitou tanto o direito dos outros.

URBANA

- Os exemplos, as recordações dos que vieram em Pedreira nem a todos conseguem causar respeito.

MARIANA (Preocupada**)**

- Vem, Gabriel!

GABRIEL (Solta-se de Mariana**)**

- Foram mais recordações amargas que o prenderam aqui.

URBANA

- Não há quem não as tenha.

GABRIEL

- É por isto que vamos para uma região onde não há túmulos, adros, lajes de pedra. Tudo vai partir de nós.

URBANA

- Não se pode cortar o passado. Ele nos acompanha para onde vamos. Vosso pai não ficará só, nem será esquecido, enquanto estivermos em Pedreira das Almas.

GABRIEL

- Vou levar seu corpo para o vale.

URBANA

- Esta não é a vontade de vosso pai.

GABRIEL

- No adro, só resta uma laje vazia, e já tem o seu nome.

URBANA

- Ele tem o mesmo direito que eu. Partir é a vossa vontade, não de vosso pai. Respeitai a vontade dos mortos, já que não respeitais o lugar onde viveram.

GABRIEL

- A senhora respeita os mortos, mas não respeita os vivos.

URBANA

- Quem não ama seu lugar de nascimento, não merece possuir terra... **(**Violeta**)** e muito menos viver!

MARIANA

- A senhora não tem direito...

URBANA (Corta com intenso desprezo**)**

- Os homens vazios de recordações, como sois vós, não têm lugar em parte alguma.

GABRIEL

- Presencieis a destruição a minha família, dona urbana. Preso dentro de uma canastra assisti a tudo sem poder fazer nada. Ouvi seus gritos... Vi aqueles escravos embriagados e enfurecidos... Tenho poucas recordações... resumem-se todas no massacre da minha família...

MARIANA

- Basta, Gabriel! Por favor!

GABRIEL

- ... Em mulheres e crianças torturadas **(**Mariana abraça-se a Gabriel**)**

MARIANA

- Não digas mais nada!

GABRIEL

- Cresci com aqueles gritos nos ouvidos...

MARIANA

- Lá não ouviremos mais, Gabriel.

GABRIEL

- ... vendo a pobreza e a justiça tomarem conta do vale.

URBANA

- Por causa das desordens que os liberais sempre instigaram.

GABRIEL

- Nós, não! Leis injustas e impostas.

URBANA

- Que importam as leis, quando vivemos dentro da ordem. Assim temos vivido em Pedreira das Almas. Nunca nos aconteceu nada.

GABRIEL

- Porque a ordem estabelecida aqui, é a ordem da senhora, não a minha. É por isto que odeio essas pedras. Estão contaminadas pelas leis que a senhora representa. Leis desses mortos. Eles também pertencem à senhora, não a mim. Sei o que eles significam. Pactuaram com todas as injustiças cometidas neste vale em nome da sua lei e da sua ordem.

URBANA

- Eles tinham o mesmo sangue que corre em vossas veias.

GABRIEL

- Sempre esperei que a senhora compreendesse...

URBANA

- Pois não espereis que consinta na partida de minha filha...

MARIANA (Abaixa a cabeça**)**

- Meu Deus!

URBANA

- ... Para ir viver no mio de ambiciosos; onde os representantes de Deus nem puderam chegar.

GABRIEL

- Chegarão conosco.

GONÇALO (Aparece à porta da igreja, paramentado para a extrema-unção**)**

URBANA (Explode**)**

- Carregastes meu único filho homem para essa desordem, ameaçando sua vida... quereis também levar minha filha para uma região inculta?

GONÇALO

- Dona Urbana! É preciso que a senhora compreenda.

MARIANA

- Não quero partir, mamãe, sem a benção da senhora.

URBANA

- Se partires, será sem ela... e o Governo saberá onde encontrá-lo.

GONÇALO (Enraivecido**)**

- Urbana! A senhora se esquece do mandamento de Deus que nos manda perdoar o próximo?

URBANA

- E o senhor, como padre, se esquece do que manda honrar pai e mãe? **(**Pausa**)** As cidades e as terras não morrem, minha filha, se os homens não as abandonam... em busca de trabalho fácil.

GABRIEL

- Que podemos fazer com terra de cemitério? Trabalhar abrindo covas e erguendo cruzes?

URBANA

- A terra é pouca e podre, eu sei, mas é terra que nos foi legada. A partir de hoje, podeis considerar-vos desligado de qualquer compromisso com minha filha.

(URBANA VOLTA-SE E ACOMPANHA GONÇALO)

GABRIEL

- Mariana! Agora, a decisão depende apenas de nós.

MARIANA

- Eu sei.

GABRIEL

- Queres me acompanhar assim mesmo? Casaremos na primeira capela do vale.

MARIANA

- Não te faria feliz, Gabriel.

GABRIEL

- Por que não?

MARIANA

- Levaria para as tuas terras, para ti, todo este ódio.

GABRIEL

- Este ódio não está em tio.

MARIANA

- Sem o consentimento de minha mãe, estaríamos sempre ameaçados. Não ouviste sua ameaça?

GABRIEL

- Tua mãe é injusta.

MARIANA - É injusta, mas é minha mãe. Também não partiste por causa de teu pai.

GABRIEL

- Terei que ficar, Mariana? E esperar novamente?

MARIANA (Aflita**)**

- Não! Seria arriscar tua vida.

GABRIEL

- Então, parte comigo.

MARIANA

- Penso em ti, Gabriel; não em mim.

GABRIEL

- Ninguém irá me procurar. Não sabem onde ficam nossas terras.

MARIANA (Perdida**)**

- Um sonho que nos acompanha desde que Marta apareceu.

GABRIEL

- E que me deu forças para esperar... e esquecer.

MARIANA

- Se a gente pudesse viver sem causar mágoas.

GABRIEL

- Mariana!

MARIANA (Abraçam-se**)**

- Gabriel! **(**Contém os soluços**)** Gabriel!

GABRIEL

- Como poderei viver, lá , sem te ver na varanda, fiando, tecendo, ouvindo o barulho do tear, ou das chaves penduradas no cinto do teu vestido.

MARIANA

- Viver a assistir, pouco a pouco, no meio da mata, o aparecimento do céu!

GABRIEL

- Vendo-te, de longe, recortada contra o estaleiro branco de polvilho!

MARIANA

- As pastagens abrindo clareira nas matas!

GABRIEL

- O rosto afogueado, à beira das tachas!

MARIANA

- Já não sei a quem mais amo: a ti, ou à imagem do teu trabalho no planalto distante!

GABRIEL

- Sem ti, ele não será tão fértil! E sem ele, sofreremos aqui, sonhando a vida toda!

MARIANA

- Meu primo Gabriel!

GABRIEL

- Minha prima Mariana!

(GABRIEL E MARIANA, DOMINADOS POR UM GRANDE AMOR, FICAM ABRAÇADOS, OLHANDO O VALE ENQUANTO CORRE O PANO LENTAMENTE.)

SEGUNDO QUADRO

CENÁRIO: O MESMO DO PRIMEIRO QUADRO.
ÉPOCA: UMA SEMANA DEPOIS
AÇÃO: QUANDO SE ABRE O PANO, ALGUNS ESCRAVOS ESTÃO PASSANDO PELO LARGO, CARREGANDO BALAIOS CHEIOS DE TERRA. A ÁREA ENTRE O ADRO E A ROCHA, À ESQUERDA, ESTÁ CERCADA POR UM PAREDÃO DE PEDRAS: CONSTROEM O CEMITÉRIO. ESPARRAMADAS PELO LARGO, DIVERSAS MALAS E CANASTRAS. DE

VEZ EM QUANDO PESSOAS APRESSADAS ENTRAM CARREGANDO APETRECHOS DE VIAGEM – QUE VÃO DEPOSITANDO JUNTO À MALAS E CANASTRAS. GABRIEL, DE LUTO, APARECE À ESQUERDA , ACOMPANHADO POR MARIANA.

HOMEM

- O Supriano ainda está de vigia?

HOMEM

- Está. Ele ficou de bater o sino da capela, se acontecesse alguma coisa.

CLARA

- Desceremos logo, Mariana?

MARIANA

- Assim que acabar a missa.

CLARA

- Acho que não devemos esperar mais.

MARIANA

- Eu sei.

(O POVO ENTRA NA IGREJA PARA ASSISTIR À MISSA)

MARIANA

- Não fiques preocupado, Gabriel. Esse delegado de Polícia não chegará tão cedo a Pedreira.

GABRIEL

- Tenho compromisso com essa gente. Venderam tudo, acabaram com o pouco que tinham para me seguir.

MARIANA

- Não podíamos ir sem assistir à missa de teu pai.

GABRIEL

- Se, pelo menos, Martiniano tivesse voltado. Não compreendo por que demora tanto.

MARIANA

- Precisamos partir hoje, de qualquer jeito.

GABRIEL (Em sua idéia fixa**)**

- Não devia ter permitido que me acompanhasse.

MARIANA

- Martiniano teria ido assim mesmo.

GABRIEL

- Achas fácil partir assim, deixando Martiniano preso?

MARIANA

- Não têm nada contra ele. Não podem acusá-lo de nada. Penso no que pode acontecer a ti, se demorarmos mais ainda.

GABRIEL

- Perdoa-me, Mariana. Não compreendo mais o que sinto.

MARIANA

- É o que desejamos durante toda a vida. Irei contigo e nada poderá me fazer arrepender.

(NESTE INSTANTE OUVE-SE, À ESQUERDA A VOZ DE UMA MULHER)

VOZ

- A senhora sabe que o padre Gonçalo vai casá-los na primeira capela do vale?

VOZ

- Já está toda enfeitada.

URBANA (Voz**)**

- Não sei, nem quero saber. Que ninguém mais... **(**Aparecendo no largo**)**... toque neste assunto em minha presença.

(URBANA, DE LUTO FECHADO, ACOMPANHADA POR GRACIANA E ALGUMAS MULHERES, ENTRA NO LARGO. GABRIEL E MARIANA PERMANECEM IMÓVEIS, OLHANDO PARA URBANA)

URBANA

- A missa vai começar. Vamos!

(URBANA, SEM PRESTAR ATENÇÃO EM MARIANA, CAMINHA PARA A ESCADARIA, ACOMPANHADA PELAS MULHERES; PROCURAM NÃO OLHAR OS OBJETOS ESPALHADOS PELO LARGO)

GABRIEL

- Mariana!

MARIANA (Controlando-se**)**

- Está na hora da missa.

(MARIANA SEGURA O BRAÇO DE GABRIEL. URBANA E AS MULHERES PASSAM PELAS PESSOAS QUE ESTÃO NA ESCADARIA, DE CABEÇA ERGUIDA, FINGINDO NÃO VÊ-LAS. AS MULHERES QUE ESTÃO NO ADRO ENFRENTAM URBANA COM ALTIVEZ. QUANDO MARIANA E GABRIEL CHEGAM AO PÉ DA ESCADARIA, OUVEM-SE DIVERSOS TIROS E GRITOS, À DIREITA. SUPRIANO ENTRA CORRENDO E DIRIGE-SE A GABRIEL.)

SUPRIANO

- O homem... o homem... Subiram pelo outro lado! Fuja!

(AS MULHERES E OS ESCRAVOS ENTRAM, CORRENDO NA IGREJA. GABRIEL FAZ MENÇÃO DE CORRER PARA A VILA; MARIANA SEGURA-O E APONTA A GRUTA)

MARIANA

- Na gruta das letras! Depressa, Gabriel!

GABRIEL

- Preciso descer ao vale, Mariana. Aqui me encontrariam. Espero na capela.

MARIANA (Agarra-se em Gabriel, apavorada**)**

- Não! Atrás da pedra de São Tomé, onde está o nicho. Ninguém te encontrará. À noite poderemos descer. Depressa, Gabriel, pelo amor de Deus!

(GABRIEL ENTRA NA GRUTA. URBANA, TENSA, OLHA NA DIREÇÃO DA ENTRADA DAS ROCHAS; UM PAR DE TRIUNFO PAIRA EM SEU ROSTO.)

MARIANA

- Mamãe!

URBANA (Volta-se para entrar na igreja.**)**

MARIANA (Segurando-a**)**

- O que a senhora está pensando?

URBANA (Solta-se**)**

- Não me ponhas a mão.

MARIANA

- A senhora teria coragem?

URBANA

- Coragem de quê?

MARIANA

- A senhor já desejou a morte de Gabriel. Desejou, eu sei.

URBANA

- Nem sei mais se este homem existe. Para mim está morto.

MARIANA

- A senhora se arrependerá para o resto da vida.

URBANA

- Estou pensando em Martiniano. Esqueceste de que ele ainda não voltou? Que não sabemos por onde anda?

MARIANA (Muda de tom**)**

- Mamãe! Não diga nada!

URBANA

- O que interessa saber é onde está meu filho.

MARIANA

- Martiniano está bem. É Gabriel quem corre perigo.

URBANA

- E o povo de Pedreira! **(**Ouvem-se os tambores que se aproximam.**)**

MARIANA

- Prometo não partir. Faço o que a senhora quiser.

URBANA

- SE não fosse Gabriel... não estaríamos nesta situação.

MARIANA (Agarra-se a urbana e repete as palavras num desespero crescente**)**

- Gabriel é tudo na minha vida. Para mim... bastará saber que vive. Não sairei de Pedreira. Morrerei aqui. Ficarei, aconteça o que acontecer. Juro, mamãe!

(CRESCE O BARULHO DOS TAMBORES)

URBANA

- Se nos encontram aqui será pior.

MARIANA

- Lembre-se do que fizeram à família dele. Fariam o mesmo, agora.

URBANA

- Não direi nada.

MARIANA

- Jure, mamãe.

URBANA

- Minha palavra basta. Vem!

(QUANDO URBANA E MARIANA DESAPARECEM NA IGREJA, O LARGO É SUBITAMENTE INVADIDO, AO MESMO TEMPO QUE AS PLATAFORMAS DOS ROCHEDOS SÃO OCUPADAS POR SOLDADOS COM ARMAS NAS MÃOS. O LARGO DAS MECÊS FICA CERCADO. ALGUNS SOLDADOS ENTRAM NA IGREJA E FAZEM O POVO SAIR. AO MESMO TEMPO, HOMENS E MULHERES ENTRAM CORRENDO, VINDA DA CIDADE, SEGUIDOS POR SOLDADOS. DEPOIS QUE URBANA, PADRE GONÇALO, MARIANA E O POVO SAEM DA IGREJA. VASCONCELOS ENTRA NO LARGO, ACOMPANHADO POR OUTROS SOLDADOS. URBANA E VASCONCELOS FICAM FRENTE A FRENTE. VASCONCELOS, COM AS ROUPAS EM DESALINHO, DENOTANDO A LONGA CAMINHADA, OBSERVA O POVO. DEPOIS DE UMA PAUSA, ADIANTA-SE, ABRE UM PAPEL, E LÊ.)

VASCONCELOS

- Sua Majestade, o Imperador, atendendo ao estado de rebelião em que, infelizmente, se acham alguns municípios desta Província, faz saber à cidade de Pedreira das Almas, e às outras povoações da mesma Província, que resolveu declarar suspensas as garantias por espaço de três meses. Ordena ao senhor Delegado de Polícia que reuna prontamente todos os moradores e faça saber: 1º Poderá mandar prender, sem culpa formada, e conservar em prisão, sem sujeitar a processo durante a suspensão das garantias, os indiciados nos crimes de resistência, conspiração, sedição, rebelião, insurreição e homicídio. 2º Poderá fazer sair para fora da Província, e mesmo assinalar lugar certo para residência, àqueles indiciados que a segurança pública exija que se não conservem na Província. 3º Poderá mandar dar buscas, de dia e de noite, em qualquer casa. Sua Majestade ordena...

URBANA (Não se contendo mais**)**

- Pedreira das Almas não tomou parte na revolução.

VASCONCELOS

- Dona Urbana?

URBANA

- Sim, senhor. Pedreira não pode ser tratada como cidade sediciosa.

VASCONCELOS

- Se não fosse não estaríamos aqui.

URBANA

- Pois não é. Toda a Província conhece meu respeito à ordem.

VASCONCELOS

- A senhora afirma isto em sã consciência?

URBANA

- Afirmo.

VASCONCELOS

- Tragam o preso!

(SAI UM SOLDADO E VOLTA COM MARTINIANO MANIETADO E EMPURRA-O PARA FRENTE DE VASCONCELOS. MARTINIANO MAL SE MANTÉM DE PÉ; CAMBALEIA COMO SE FOSSE CAIR. URBANA OLHA INDIGNADA PARA MARIANA.)

MARIANA

- Martiniano!

GONÇALO (Desce a escadaria**)**

- Meu filho!

VASCONCELOS (Autoritário**)**

- Fique onde o senhor está.

(GONÇALO PÁRA. URBANA VACILA; SEU ROSTO CONGESTIONA-SE PELA IRA. MARTINIANO VIRA O ROSTO PROCURANDO NÃO OLHAR URBANA.)

URBANA

- Desde quando...? Mariana! Sabias que Martiniano estava preso? Responde!

MARIANA

- Sabia.

URBANA

- E não me disseste nada? Com certeza, mais uma das...

MARIANA (Corta**)**

- Mamãe! Não quis que a senhora ficasse preocupada.

URBANA

- Algum dia deixei de estar? Desde que meu filho foi levado daqui?

MARIANA

- Levado?!

VASCONCELOS

- Não é a quantidade de homens, minha senhora, que torna uma cidade sediciosa. Basta um. E daqui partiram dois, sendo um deles um dos cabeças da revolução.

MARIANA

- Gabriel não foi

VASCONCELOS

- Não citei nomes.

MARIANA

- Lutou apenas como soldado.

URBANA (Desce a escadaria**)**

- Meu filho!

VASCONCELOS (Os soldados fazem Martiniano recuar**)**

- Por enquanto, meu prisioneiro. A senhora ainda firma que Pedreira das Almas não é sediciosa?

URBANA

- Afirmo. Meu filho não é responsável pelo seu gesto.

(MARTINIANO AGITA-SE, OLHANDO PARA URBANA)

VASCONCELOS

- Não? Então, quem é? Estamos aqui para prender unicamente os responsáveis.

MARIANA (Advertindo**)**

- Mamãe!

VASCONCELOS - Que fale primeiro dona Urbana.

URBANA

- Ninguém partiu daqui.. que pertença a Pedreira das Almas. **(**Procurando uma justificativa**)** Nenhum daqueles que amam nossa cidade entrou nessa aventura. **(**Algumas pessoas no adro se agitam**)** Meu filho é menor e não sabe o que faz.

VASCONCELOS

- Então?

URBANA (Pausa**)**

- Sou eu. Sou a única responsável.

VASCONCELOS

- Essa atitude não adianta, minha senhora.

URBANA

- Não podem tratá-lo como criminoso!

VASCONCELOS

- Não será tratado, se o verdadeiro culpado for entregue. Mandarei soltá-lo imediatamente.

URBANA

- Já disse quem é.

VASCONCELOS

- Sabemos que ele se chama Gabriel. Esconder um rebelde é apoiar sua atitude, é participar de suas opiniões. Seu filho será libertado, mas para isto é necessário que Gabriel se apresente. Onde está? **(**Silêncio**)** Sei que ele se encontra nesta cidade, que está de partida para a província de São Paulo. **(**Olha a sua volta**)** pelo que vejo não estou enganado. Senhor pároco?

GONÇALO

- Se está escondido aqui, em verdade não sei o lugar.

VASCONCELOS

- O senhor é um representante de Deus!

GONÇALO

- E como representante de Deus, posso afirmar que não sei onde se encontra.

VASCONCELOS

- Martiniano revelou que...

MARTINIANO

- Mentira, Mariana! **(**Aflito**)** Eu não disse... não disse, Mariana. Palavra...

(OS SOLDADOS FAZEM MARTINIANO CALAR. URBANA CONTÉM-SE A CUSTO)

VASCONCELOS

- Se Gabriel não for entregue, todos incorrerão no mesmo crime contra a ordem pública, não importa se a senhora o considera de Pedreira das Almas ou não.

URBANA

- Sempre respeitamos a lei. O feito de um não pode ocasionar a infelicidade de todos.

VASCONCELOS

- Penso como a senhora e nem desejo que isso aconteça.

URBANA

- Agindo assim, o senhor cometerá uma grande injustiça.

(MARIANA PERCEBE O PERIGO E TENTA DESVIAR O DIÁLOGO ENTRE VASCONCELOS E URBANA)

MARIANA

- A cidade está em seu poder. Será fácil dar busca em todas as casas... e onde achar melhor. A obrigação é do senhor. Ninguém tem o direito de nos exigir uma delação, mesmo em nome da ordem pública.

VASCONCELOS

- Tenho, não só o direito, mas o dever de empregar os métodos necessários para prender os sediciosos. E eles serão todos empregados.

MARIANA

- Empregue os que quiser. O que não pode é nos impor uma ato indigno.

VASCONCELOS

- Não estou aqui para dar explicações. Sou representante da lei e da justiça e vim restabelecê-las.

URBANA

- Quais as garantias que teremos se...

GONÇALO

- Dona Urbana!

MARTINIANO

- Não creia neles, mamãe!

(MARTINIANO É SUBJUGADO PELOS SOLDADOS DE MODO BRUTAL)

URBANA

- Senhor! É apenas uma criança!

VASCONCELOS

- Criança, mas pegou em armas contra o governo de Sal Majestade. A senhora ia dizer?

URBANA

- Quais as garantias que teremos... se Gabriel se apresentar?

VASCONCELOS

- Então, ele está aqui?

URBANA

- O senhor não respondeu à minha pergunta.

VASCONCELOS

- Sairemos de Pedreira das Almas e levaremos apenas Gabriel. **(**Martiniano se agita, apavorado**)** Se esse rebelde não for entregue, Martiniano e todos os homens válidos da cidade serão enviados para fora da Província.

(SILÊNCIO. MARIANA ANSIOSA, OLHA PARA URBANA.)

VASCONCELOS (Ao povo**)**

- Quem sabe onde está Gabriel?

URBANA

- Somente eu sei, senhor. Fui eu quem o escondeu.

MARTINIANO

- Mamãe! Não fale!

URBANA (Já meio desorientada**)**

- Receio por ti, meu filho.

MARTINIANO

- A senhora não deve falar, não teria descanso na minha vida.

VASCONCELOS

- Escolha, minha senhora, seu filho é meu prisioneiro.

MARTINIANO

- Por mim, não. Por mim, não, mamãe! Lembre-se do que ele passou. Eu... **(**Debate-se**)**... não quero!

MARIANA

- E é o senhor quem se diz representante da lei e da justiça! Que vem aqui impor a escolha de uma vida!

VASCONCELOS

- Não ameaço a vida de ninguém. Estou esperando, dona Urbana. A paciência tem limites.

CLARA

- Urbana! Não podemos viver aqui.

MULHER

- Não destrua nossa única esperança.

MARTINIANO (Suplicante**)**

- Mame! Por tudo quanto é sagrado...

GRACIANA

- Fale, Urbana! É a vida de seu filho.

MULHER

- E dos homens que serão processados.

GRACIANA

- Valem mais do que aquelas terras.

CLARA

- Urbana! Lembre-se da Bela Cruz!

VASCONCELOS

- Esta resistência pode custar caro a seu filho.

URBANA (Aflita**)**

- Quero saber o que será feito a Gabriel.

VASCONCELOS

- Será processado e terá que cumprir a pena que...

MARTINIANO

- Mentira, mamãe! Querem matá-lo! **(**Seguram Martiniano que se debate**)** Não acredite...

VASCONCELOS

- Façam-no calar!

MARTINIANO

- São assassinos... **(**Procuram dominar Martiniano**)**

URBANA (No auge da angústia**)**

- Meu filho!

MARTINIANO

- ...deixariam Gabriel... fugir... para matá-lo. **(**Dominam Martiniano**)** Não quero... não quero, mamãe... viver assim...

VASCONCELOS

- Não terei mais contemplação. Levem...

URBANA

- Gabriel está...

MARIANA (Corta**)**

- Não! A senhora não tem direito!

URBANA

- Não estas vendo o que vai acontecer?

MARIANA

- Será uma escolha que não dependerá de nós, mamãe.

URBANA

- Se ficar em silêncio não estarei escolhendo? Onde está o amor por teu irmão? Por tua família? Só pensas neste homem?

(MARTINIANO ESCAPA E CORRE, GRITANDO COM TODA FORÇA)

MARTINIANO

- Gabriel! Fuja!

URBANA (Desesperada**)**

- Martiniano! Não, meu filho!

(OUVE-SE UM TIRO: MARTINIANO TOMBA. MARIANA E GONÇALO CORREM EM DIREÇÃO DE MARTINIANO. O POVO ESPALHA-SE NO LARGO ATERRORIZADO.)

VASCONCELOS (Furioso**)**

- Quem foi? Quem atirou sem minha ordem? **(**A um sinal de um dos soldados**)** Estúpido.

MARTINIANO

- Mamãe! **(**Pausa. Eleva a voz**)** Mamãe!

GONÇALO

- Dona Urbana!

(URBANA COM GRANDE ESFORÇO, CAMINHA ATÉ MARTINIANO)

MARTINIANO

- Mamãe!

URBANA

- Fica quieto, meu filho. **(**Ajoelha-se, meio desorientada**)** Isso passa... isso passa...

MARTINIANO

- Prometa-me...que não dirá. Não diga nada.

URBANA

- O esforço te faz mal, meu filho.

MARTINIANO

- Somente Gabriel... sabe... onde ficam as terras... as terras!

GONÇALO

- Ninguém vai denunciar, meu filho.

MARTINIANO (Perdendo as forças**)**

- Gabriel... fala de um mundo... belo! Justo... uma região onde tudo... começa a viver!

URBANA

- Meu filho! Meu filho!

MARTINIANO

- É preciso abençoar... abençoar, mamãe... **(**Agarra-se a urbana**)** As árvores! As árvores!... cheias de...de...As figueiras... as figuei... **(**Martiniano tomba**)**

URBANA (Desesperada, abraça-se a Martiniano**)**

- Meu Deus! Não esta dor!... não esta!

VASCONCELOS

- Guardem todas as saídas. Fica proibido a qualquer pessoa sair da cidade, enquanto não for entregue esse criminoso. Examinem todas as casas, dêem batida no morro, olhem pedra por pedra. Ninguém poderá descer ou subir.

(MARIANA, COMPLETAMENTE RETESADA, LEVANTA-SE E FICA COM OS OLHOS FIXOS NO VALE)

GONÇALO

- Estamos construindo o cemitério e trazemos terra do vale.

VASCONCELOS

- Isso não me diz respeito.

GONÇALO

- Peço que compreenda. A cidade não pode ficar sem cemitério.

VASCONCELOS

- O que importa é a prisão desse rebelde.

(SUBITAMENTE, URBANA COMEÇA A SOLUÇAR; SEUS SOLUÇOS PARECEM MAIS GEMIDOS. URBANAS, SENTADA NO CHÃO, É QUASE INDEFESA. MARIANA, COMO O ROSTO CONTRAÍDO, OLHA UM INSTANTE PARA VASCONCELOS E VAI FICAR, DE PÉ, JUNTO DE URBANA, COMO SE QUISESSE PROTEGÊ-LA.)

MARIANA

- Este tem sido o sofrimento de Gabriel... de todo o vale!

URBANA

- Meu filho. Meu único filho homem!

GONÇALO

- Compreende agora, senhor? Não temos onde enterrá-lo!

VASCONCELOS (A contragosto**)**

- Enterrem como puderem.

GONÇALO

- Temos que acabar o cemitério ou descer ao vale para dar descanso a esta alma.

VASCONCELOS

- Não permitirei nem uma coisa nem outra. Não posso facilitar meios para a fuga de um homem, que é um dos responsáveis pela desordem que lavra na Província.

GONÇALO

- É um ato de caridade cristã que vossa mercê não pode negar.

VASCONCELOS

- Tanto posso que impedirei.

GONÇALO

- Senhor! É uma impiedade deixar um corpo sem sepultura. É uma ofensa aos mortos!

VASCONCELOS

- Ele não ficará sem sepultura. Depende apenas dos senhores.

MARIANA (Violenta**)**

- Pois que fique exposto!

GONÇALO

- Mariana! Não podemos...

MARIANA (Transfigurada**)**

- Ponham o corpo na igreja! O sofrimento é nosso e ninguém precisa presenciá-lo!

(HÁ UM SILÊNCIO RELIGIOSO. OS HOMENS CARREGAM O CORPO DE MARTINIANO. MARIANA E GONÇALO LEVANTAM URBANA E AMPARAM-NA; DIRIGEM-SE PARA A ESCADARIA. URBANA, COMPLETAMENTE RÍGIDA, PARECE TER ULTRAPASSADO O LIMITE DA DOR HUMANA)

VASCONCELOS (Vendo o povo se dirigir à igreja, sem se incomodar com a sua advertência**)**

- Ninguém poderá sair da cidade, sem minha autorização. Será dada ordem de fogo contra quem desobedecer. Quero que isto fique bem claro. Têm três horas de prazo para entregar Gabriel. Caso contrário, serão todos presos.

GONÇALO

- Senhor! Tema o castigo de Deus.

VASCONCELOS

- Sargento! Ponha dois soldados à entrada da rocha e mande examinar quais os caminhos que descem para o vale. Que ninguém desça sua vida responderá por isto.

(MARIANA, CLARA , ELISAURA E GENOVEVA FICAM, HIRTAS, OLHANDO PARA VASCONCELOS.)

VASCONCELOS

- Dona urbana! **(**Urbana e Gonçalo param no adro**)** O destino da cidade está em suas mãos. Acima de tudo, deve considerar o bem-estar do seu povo. Há medidas necessárias que ultrapassam nossa vontade, e atos... dos quais não somos culpados. Não posso nem devo tomar outra atitude com uma cidade que acolhe e esconde um foragido da justiça. A senhora está disposta a revelar o paradeiro de Gabriel? **(**Pausa, completamente distante, olha para o vale**)**

VASCONCELOS

- Agindo assim, a senhora condena o povo de Pedreira; as penas serão as mesmas – alei é clara e será respeitada e cumprida.

(GONÇALO AMPARA URBANA E ENTRA NA IGREJA. MARIANA ENCARA VASCONCELOS. O POVO COMEÇA A CANTAR DENTRO DA IGREJA)

CANTO DO POVO

- Dirige-me palavra de gozo e de alegria
  exultam os ossos que esmagastes!
  Dos meus pecados deixais a Vossa face
  E apagai todas as minhas culpas.
  Criai em mim, ó Deus, com coração imaculado.
  Renovai no meu íntimo o espírito de firmeza!

MARIANA

- Leis! Leis! Não aceito, nem o povo de Pedreira das Almas aceitará suas leis.

VASCONCELOS (Áspero**)**

- Falo com dona Urbana.

MARIANA

- Repondo por ela e por Pedreira. Todas as leis que o senhor representa, não nos poderão arrancar nenhuma palavra, nem um gesto de acatamento às suas ordens. Abra as portas das prisões, traga os instrumentos de tortura, revolva e destrua a cidade, derrube as torres de nossa igreja...! Mas de nossas bocas jamais sairá uma única palavra de delação! Os mortos sairão das lajes e os impiedosos serão destruídos! **(**Os soldados entreolham-se, admirados**)** Que um anátema caia sobre suas cabeças! Que o corpo de meu irmão fique exposto... será uma lembrança viva do seu pecado, da sua indignidade!

VASCONCELOS

- Veremos mais tarde, minha senhora, se não falam.

MARIANA

- O senhor tem espadas... nós , aquilo que assassinos de sua espécie desconhecem: respeito à liberdade. É o que Gabriel representa para nós. Pagaremos, por ele, qualquer preço!

(MARIANA, ACOMPANHADA PELAS MULHERES, VOLTA-SE E DESAPARECE DENTRO DA IGREJA)

VASCONCELOS

- Sargento! Prenda o homem que atirou.

SOLDADO

- Vosmecê deu ordem para atirar.

VASCONCELOS (Violento**)**

- Quando eu mandasse. Leve-o para a prisão.

(VASCONCELOS EXAMINA O LARGO E DIRIGE-SE PARA A IGREJA, COMO QUE ATRAÍDO PELO CANTO DO POVO, QUE SE ELEVA NUMA SÚPLICA, CHEIA DE DESAFIO.)

POVO (Cantando**)**

Criai em mim, ó Deus, com coração imaculado.
Renovai no meu íntimo o espírito de firmeza!

(ENQUANTO SE OUVE A ÚLTIMA FRASE DO CANTO, VASCONCELOS PÁRA DIANTE DA IGREJA.)

SEGUNDO ATO
PRIMEIRO QUADRO

CENÁRIO: O MESMO DO PRIMEIRO ATO.
ÉPOCA: TRÊS DIAS DEPOIS.
AÇÃO: QUANDO SE ABRE O PANO É NOITE. ALGUNS SOLDADOS EM GRUPO NA ESCADARIA, OLHAM NA DIREÇÃO DA IGREJA.

4º SOLDADO

- Sai daí! Esta pisando em cima da laje!

3º SOLDADO

- Credo! Não se tem nem onde ficar!

2º SOLDADO (Continuando a conversa interrompida**)**

- ... e se foram bons, depois de mortos as almas vão morara nas montanhas azuis.

5º SOLDADO (Olha à sua volta**)**

- Índio é um bicho esquisito.

3º SOLDADO

- Deve ser alguma serra igual a esta.

2º SOLDADO

- Aqui não é lugar de índio. Só pode ser no sertão.

3º SOLDADO

- Vista de longe, também é azul. Não se lembra quando a gente vinha para cá?

4º SOLDADO

- Que importância tem esse Gabriel? Sozinho, o que pode fazer?

2º SOLDADO

- Vasconcelos devia empregar o açoite.

5º SOLDADO

- Já não basta o que fizemos?!

4º SOLDADO

- Pelo menos a gente ia embora... saía deste lugar.

3º SOLDADO

- Sofrem por causa de um cemitério! Se a gente contar, ninguém acredita!

4º SOLDADO

- Com tanta terra que há por esse mundo afora.

2º SOLDADO

- Na minha "terra" , só não tem terra quem não quer.

3º SOLDADO

- Nem me lembro, se na minha tem cemitério.

(SILÊNCIO CARREGADO. DURANTE UM MOMENTO SÃO DOMINADOS POR SEUS PENSAMENTOS.)

3º SOLDADO

- Hoje é sábado?

4º SOLDADO (Gesto afirmativo**)**

- E já estamos na quaresma.

4º SOLDADO

- Quaresma! Tempo das almas!

3º SOLDADO

- É na quaresma que os encomendadores das almas saem pelas estradas, cantando e rezando.

4º SOLDADO

- E "elas" acompanham.

5º SOLDADO (Olha a igreja**)**

- Que será... anátema?

(O SARGENTO, ENCOLHENDO-SE DE FRIO, SAI DA CASA, À ESQUERDA, DIRIGINDO-SE À ESCADARIA. QUANDO ATRAVESSA O LARGO, OLHA À SUA VOLTA.)

SARGENTO (Irritado**)**

- Como venta nesta cidade! Não estão com frio?

4º SOLDADO

- Não!

SARGENTO (Depois de pensar um instante**)**

- Devo estar doente.

3º SOLDADO

- Urbana ainda está lá? Na mesma posição?

SARGENTO

- Está. Três dias nesse silêncio, como se fosse uma estátua!

5º SOLDADO

- Sem abrir a boca para nada. Nunca vi mulher assim!

2º SOLDADO

- E agora? Que é que Vasconcelos pretende fazer?

SARGENTO

- Não sei onde tudo isto vai parar.

2º SOLDADO (Veemente**)**

- Urbana não pode deixar os homens da cidade na prisão.

SARGENTO

- Não pode, por quê? Muito pior é o filho, sem túmulo... espalhando este cheiro pelo morro todo.

5º SOLDADO

- É o que digo.

SARGENTO

- Não compreendo... o que Mariana queria dizer com aquilo.

4º SOLDADO

- Se ao menos Vasconcelos fizesse Mariana falar.

5º SOLDADO

- Ninguém consegue tirá-las de dentro da igreja!

2º SOLDADO

- Não podemos continuar desse jeito.

SARGENTO

- Sabem o que é anátema? **(**Expressões de que ninguém sabe**)** "Que um anátema caia sobre suas cabeças!" **(**Mal-estar geral**)** Será maldição?!

5º SOLDADO

- Deve ser isso mesmo.

SARGENTO (Olha a igreja**)**

- O sofrimento está matando essa mulher aos poucos.

5º SOLDADO (Rememora**)**

- "Que os mortos saiam das lajes"... ela disse!

2º SOLDADO

- Depois... já pensaram?

3º SOLDADO

- Que foi?

2º SOLDADO

- Ela ... ela também está aqui!

3º SOLDADO

- Quem?

2º SOLDADO

- A alma dele!

SARGENTO

- Não se deve acreditar nessas coisas.

2º SOLDADO

- É verdade!

5º SOLDADO

- Não sobe enquanto o corpo não for enterrado. São Miguel não recebe a alma.

4º SOLDADO

- Vasconcelos devia largar mão dessa gente.

3º SOLDADO

- Defunto merece mais respeito.

2º SOLDADO

- Se aquele idiota não tivesse atirado.

(VASCONCELOS SAI DA CASA, À ESQUERDA, PÁRA E OBSERVA OS SOLDADOS, PERCEBENDO A SITUAÇÃO)

5º SOLDADO

- É preciso enterrar este corpo!

SARGENTO

- Ela não agüenta mais!

2º SOLDADO

- Dona Urbana precisa falar!

VASCONCELOS

- Sargento!

(OS SOLDADOS VOLTAM ÀS SUAS POSIÇÕES. VASCONCELOS CONTROLA-SE E CAMINHA, RESOLUTO, PARA A ESCADARIA.)

VASCONCELOS

- O cabo Martins não apareceu?

SARGENTO

- Não, senhor. Procuramos por toda parte.

5º SOLDADO

- Desapareceu assim... **(**Faz o gesto**)** de uma hora para outra!

VASCONCELOS (Ignorando o aparte**)**

- Não foi visto em Baependi? Deve estar lá.

4º SOLDADO

- Ninguém deu notícia dele.

5º SOLDADO

- Nem poderá ser visto.

VASCONCELOS

- É desertor, nada mais. Todos serão presos: os Martins e os outros. De hoje em diante, fica expressamente proibida a saída dos soldados além das rochas.

3º SOLDADO

- A gente também precisa respirar um ar que preste.

VASCONCELOS

- Respiramos todos o mesmo ar. **(**Ao sargento**)** Avise-me se alguém desobedecer às ordens.

2º SOLDADO

- Quando vamos sair daqui?

VASCONCELOS

- Quando cumprirmos nossa obrigação. A anarquia está reprimida, mas não sufocada. Estamos aqui para isto, e não sairemos enquanto não alcançarmos nosso fim.

(DURANTE ESTA FALA DE VASCONCELOS, CLARA E DUAS MULHERES, TODAS DE LUTO, SURGEM DE DENTRO DA GRUTA, PARAM E FICAM RÍGIDAS COMO ESTÁTUAS. NO PRIMEIRO MOMENTO, DEVIDO À PENUMBRA, OS SOLDADOS NÃO NOTAM SUA PRESENÇA. CLARA CARREGA UMA PEQUENA CESTA.)

3º SOLDADO

- Olha!

VASCONCELOS

- Quem está ai?

CLARA

- Clara, senhor!

VASCONCELOS (Examina as mulheres, que continuam impassíveis**)**

- Para que esta cesta?

CLARA

- Fomos pôr flores no nicho de São Tomé.

VASCONCELOS

- A esta hora?

CLARA

- Estamos proibidas de sair durante o dia. Devemos abandonar, sem flores e orações, as imagens sagradas?

(VASCONCELOS EXAMINA A CESTA)

5º SOLDADO

- Senhor! Não saímos do largo. Elas não passaram por aqui.

CLARA

- Viemos pelas galerias. Elas cruzam por baixo deste largo.

VASCONCELOS (Ao 4º soldado**)**

- Verifique se as flores estão lá! **(**O soldado vacila**)** Vamos!

(O SOLDADO ACENDE UM LAMPIÃO E ENTRA NA GRUTA.)

VASCONCELOS

- Os soldados estão de guarda nas saídas das galerias?

SARGENTO

- Estão. Nas dez.

VASCONCELOS

- Não foram proibidas de virem a este largo? Voltem pelas galerias. **(**Clara não se mexe**)** Que querem?

CLARA

- Queremos um túmulo.

VASCONCELOS

- Isto não depende de mim.

CLARA

- Uma alma sofre, vagando sem destino.

VASCONCELOS

- Mariana está resolvida a falar?

CLARA

- Falar o quê?

VASCONCELOS

- Onde está Gabriel?

CLARA

- Só Urbana sabe.

VASCONCELOS

- Todos se escondem no sofrimento dessa mulher, mas não fazem nada por ela.

CLARA

- Não temos terra, nem podemos descer ao vale. São determinações suas!

VASCONCELOS

- Não permito porque defendo a lei. As senhoras impedem porque defendem um criminoso. Se quem é a culpa?

CLARA

- Faça Martiniano viver, senhor, e Urbana falará!

VASCONCELOS

- Viver?!

CLARA

- Há três dias que Urbana agoniza dentro da igreja, levando consigo o esconderijo de Gabriel. Abraçada àquele corpo, faz dos braços túmulo para o filho. Como cabelos embranquecidos numa noite, nem lágrimas pode verter! Elas brotarão em seus olhos, senhor, se este corpo continuar insepulto! Que impiedade maior existirá, do que condenar uma mãe a ver seu filho, minuto a minuto, perder as feições... que sonhou em seu próprio sangue, que ajudou a crescer com seus seios? Que voz poderá sair dessa boca , senhor?

5º SOLDADO

- Sargento! Olha!

(NO FUNDO, À DIREITA, TRÊS MULHERES DE LUTO ESTÃO PARADAS COMO ESTÁTUAS. RÍGIDAS, OLHAM FIXAMENTE PARA A FRENTE.)

VASCONCELOS

- Quem são? Quem é a senhora?

ELISAURA

- Elisaura.

VASCONCELOS

- Não estão proibidas de saírem de suas casas?

ELISAURA

- Estamos.

VASCONCELOS

- Voltem, então, para elas! **(**Pausa**)** Não ouviram?

ELISAURA

- Procuro meu filho. Onde está?

VASCONCELOS

- Preso como todos os homens válidos da cidade.

ELISAURA

- Meu filho tem apenas 16 anos, senhor!

VASCONCELOS

- E preso continuará, enquanto Mariana não revelar o paradeiro de Gabriel.

ELISAURA

- Mariana não sabe.

VASCONCELOS

- Tenho a certeza de que sabe.

ELISAURA

- Gabriel está escondido no silêncio de Urbana.

VASCONCELOS (Irritado**)**

- Então que fale Urbana!

ELISAURA

- Faça primeiro Martiniano viver.

VASCONCELOS

- Estão ficando todas loucas?

ELISAURA (Suplicante**)**

- Faça cair sobre o nosso corpo, senhor, as penas de suas leis! Mas não condene aqueles ainda não tocados pelo ódio! Esse castigo, mãe nenhuma merece! Distante de todas as maldades do vale, meu filho era um menino que vivia livre nos rochedos, cercado de céu, companheiro dos dias claros! Por que, então, está jogado naquela prisão escura, senhor?

(SUBITAMENTE, COMO SE BROTASSE DA TERRA, APARECEM, À ESQUERDA ALTA, TRÊS MULHERES DE LUTO. FICAM PARADAS, OLHANDO FIXAMENTE VASCONCELOS.)

VASCONCELOS

- E lá morrerá se urbana... **(**Pára, ao ver as mulheres**)** Sargento! Não proibi a presença dessa gente no Largo das Mercês?

SARGENTO

- É difícil impedir. As galeria têm saídas em diversos pontos da cidade, até mesmo dentro das casas. Não temos soldados suficientes.

VASCONCELOS

- Como não são suficientes?

SARGENTO

- Depois que os homens da cidade foram presos, o senhor mandou muitos para Baependi. E outros... o senhor sabe...!

5º SOLDADO

- Que foi?!

SARGENTO

- Ele... não voltou! Não voltou da gruta!

(OS SOLDADOS OLHAM PARA A GRUTA. AS MULHERES CONTINUAM RÍGIDAS)

VASCONCELOS (A um dos soldados**)**

- Veja... **(**Mudando**)** Vocês dois. Vejam o que esse idiota está fazendo! **(**Ao Sargento**)** Peça mais soldados em Baependi!

(OS DOIS SOLDADOS COM CERTA RELUTÂNCIA, DESAPARECEM NA GRUTA. IMEDIATAMENTE, GENOVEVA ADIANTA-SE)

GENOVEVA

- Meu nome é Genoveva.

VASCONCELOS

- Voltem! Não podem ver Urbana, nem Mariana.

GENOVEVA

- Quero ver meu marido.

VASCONCELOS

- Saiam daqui! Todas!

MULHER

- Meu pai onde está?

MULHER

- E meu noivo?

VASCONCELOS

- Estou cansado de repetir que estão presos. Que somente serão libertados quando Urbana falar.

GENOVEVA (No mesmo tom das outras**)**

- Faça Martiniano viver!

VASCONCELOS (Atônito**)**

- Como?!

GENOVEVA

- Com maridos, noivos, filhos e pais acorrentados nas senzalas, tememos a sorte de Urbana. Todas as mulheres de Pedreira choram por Urbana, silenciada para sempre! Choramos, senhor! Porque chorar se tornou nossa condição desde que sua vontade governa Pedreira das Almas! Porque somos nós que sofremos a revolução, suas leis, a pobreza desta terra! São essas maldições que desesperaram os homens do vale, e os homens saem de nosso ventre, senhor!

(GRACIANA, ACOMPANHADA POR DUAS MULHERES, SURGE À ESQUERDA, NA SAÍDA QUE LEVA À CIDADE. ESTACAM, COMO AS OUTRAS, FICAM RÍGIDAS. VASCONCELOS E OS SOLDADOS PARECEM CERCADOS.)

VASCONCELOS

- Culpem os liberais, culpem Gabriel e Urbana! Não culpem as leis! Elas não ameaçam os que respeitam a ordem. Não farei nada a seus maridos e filhos, mas para isto é necessário que Urbana fale. Ela precisa falar!

GRACIANA (num lamento agressivo**)**

- Faça primeiro Martiniano viver.

VASCONCELOS (Volta-se, rápido**)**

- Quem...?

GRACIANA

- Graciana.

VASCONCELOS

- Guardas!

GRACIANA

- O senhor tem mãe?

VASCONCELOS

- Tirem essas mulheres daqui! À força, se for necessário.

GRACIANA (Adianta-se, rápida**)**

- O senhor tem mulher e filhos

CLARA (Ao soldado mais próximo**)**

- O senhor tem noiva ou mulher?

ELISAURA

- O senhor tem filhos?

GENOVEVA

- E o senhor? Tem mãe, irmãs e filhas?

GRACIANA (Tenta segurar Vasconcelos**)**

- Sua mãe tem cabelos brancos como os meus?

ELISAURA (A Vasconcelos, cercando-o**)**

- Seus filhos são forte e belos como os meus?

VASCONCELOS (Escapa ao cerco**)**

- Tenho mulher e filhos, mas respeitam as leis. Sei o que as senhoras pretendem. Estão enganadas. Não tenho, nem posso ter piedade com sediciosos.

GRACIANA

- Queremos apenas um túmulo, senhor! Um pouco de terra! Não profane nossa igreja, supliciando Urbana dentro dela! Não condene os vivos à maldição dos mortos! Quando eles têm onde repousar, os vivos podem viver em paz!

(VASCONCELOS, DE CERTA MANEIRA TOCADO PELAS MULHERES, GRITA PARA A IGREJA)

VASCONCELOS

- Mariana! Mariana!

5º SOLDADO

- Elas não saem!

SARGENTO

- Parece que morreram com Martiniano!

VASCONCELOS (Irritado com o sargento**)**

- Elas vão sair. E falarão também.

(OS DOIS SOLDADOS SAEM DA GRUTA.)

SARGENTO

- Então?

3º SOLDADO

- As flores estão lá!

VASCONCELOS

- E o soldado?

2º SOLDADO

- Não encontramos. Procuramos por toda a galeria!

5º SOLDADO

- Foi assim que aconteceu com o cabo Martins!

VASCONCELOS

- Voltem a seus postos! Mais um desertor, apenas. **(**Olha as mulheres, não podendo acreditar naquilo de que começa desconfiar; que elas armam uma ação contra ele. A porta da igreja começa a se abrir**)** Hoje ficaremos sabendo onde está esse rebelde. As senhoras terão o túmulo. Dependerá somente de Mariana.

5º SOLDADO

- Está... está abrindo!

(LENTAMENTE, A PORTA FICA ESCANCARADA. OS SOLDADOS NÃO CONSEGUEM MAIS DISFARÇAR SEU TEMOR. NEM VASCONCELOS SUA ADMIRAÇÃO. MARIANA, COBERTA DE LUTO E CO UM VÉU PRETO NA CABEÇA, SURGE NO PÓRTICO DA IGREJA. RÍGIDA, OLHA FIXAMENTE PARA FRENTE, PARECENDO NÃO PERCEBER A PRESENÇA DE NINGUÉM. AO RESPIRAR O AR DA NOITE, MARIANA VACILA E RECUA; DEPOIS ADIANTA-SE NOVAMENTE. MARIANA ENVELHECEU E SUA SEMELHANÇA COM URBANA AUMENTOU: O PORTE E O ANDAR SÃO QUASE IDÊNTICOS. ELA TRAZ, NO ROSTO, TODO O HORROR A QUE ASSISTE DENTRO DA IGREJA. AS MULHERES OLHAM PARA MARIANA SEM FAZEREM QUALQUER MOVIMENTO.)

VASCONCELOS

- Mariana! Tentei fazer justiça, prendendo apenas um dos responsáveis pela desordem. Não foi possível. Pois bem: a cidade responderá por isto. Todos os habitantes, sem distinção de sexo e de idade, serão expulsos da região... se não revelar, hoje, o paradeiro de Gabriel.

(MARIANA, RÍGIDA, ADIANTA-SE ERETA E DESCE A ESCADARIA)

VASCONCELOS

- É a senhora quem comete a impiedade de deixar o corpo de seu irmão sem sepultura, com esta resistência inútil, essa tola revolta que não traz benefícios nenhum.

(MARIANA CONTINUA ANDANDO)

VASCONCELOS

- Não compreendo, nem ninguém compreenderá, porque defendem um homem que só trouxe sofrimento a Pedreira das Almas.

CLARA

- Homens como o senhor só podem compreender e respeitar as leis.

GRACIANA

- A verdade está sob seus olhos, e não sabe dizer nem sentir aquilo que o povo de Pedreira tem como única verdade.

VASCONCELOS

- Estou aqui para processar um rebelde, não para compreender verdades que não me dizem respeito **(**A Mariana**)** O destino da cidade depende de sua escolha: destruição ou libertação.

MARIANA (Não faz o menos movimento**)**

VASCONCELOS

- O governo não pretende perseguir, mas punir os eu provocam a desordem. Aqueles que desrespeitam a lei, subvertem a ordem pública, contaminam a sociedade e lançam o desassossego nos espíritos.

(MARIANA, OLHANDO SEMPRE PARA FRENTE, VACILA LIGEIRAMENTE)

VASCONCELOS

- Guarda! Prendam Mariana!

(OS SOLDADOS SEGURAM MARIANA, QUE NÃO FAZ O MENOR GESTO DE RESISTÊNCIA.)

VASCONCELOS

- Amarrem suas mãos!

GRACIANA

- Será apenas mais um corpo, entre o senhor e Gabriel!

VASCONCELOS

- Haverá quantos forem necessário para que este criminoso apareça. Não quero sair de Pedreira levando a senhora. Não me obrigue a isto. Onde está Gabriel? **(**Silêncio**)** Responda! **(**Vasconcelos vai se descontrolando**)** Não dei ordem para se atirar em ninguém. A morte de Martiniano foi um acidente. O culpado já foi punido. Afirmo à senhora que, custe o que custar, não sairei de Pedreira das Almas antes de prender Gabriel. Se para isto for necessário destruir esta cidade, eu a destruirei. Não deixarei. Não deixarei pedra sobre pedra! **(**Não se contendo mais**)** Quem é esse Gabriel?! Que foi que ele fez para que as senhoras cheguem a essa obstinação insensata? Martiniano morreu, os homens estão presos? **(**Silêncio**)** Não vê que seu silêncio não tem sentido? Que Gabriel irá procurá-la e será preso? **(**Silêncio**)** Levem Mariana! Vamos partir de Pedreira.

(QUANDO OS SOLDADOS SE MOVIMENTAM, CLARA CORRE PARA A SAÍDA DAS ROCHAS E PÁRA, SUBITAMENTE, HIRTA. LEVA AS MÃOS PARA A FRENTE, VIRANDO O ROSTO COMO SE ESTIVESSE APAVORADA. A ESTE SINAL, GRACIANA, ELISAURA E GENOVEVA CORREM TAMBÉM, FAZENDO IDÊNTICO MOVIMENTO DE BRAÇOS E DE CABEÇA)

CLARA

- Martiniano!

(OS SOLDADOS LARGAM MARIANA E RECUAM)

VASCONCELOS

- Saiam! Vamos partir de Pedreira!

CLARA (Afasta-se, olhando fixamente a saída das rochas**)**

- Alma de Martiniano desterrada!

VASCONCELOS

- Estúpidos supersticiosos!

GRACIANA (Na saída da cidade**)**

- Alma de Martiniano degredada!

ELISAURA (Direita alta**)**

- Alma de Martiniano profanada!

GENOVEVA (Esquerda alta**)**

- Alma de Martiniano aviltada!

(AS MULHERES ESPALHAM-SE PARA TODOS OS CANTOS DO LARGO. ALGUMAS RODEIAM MARIANA, TAMBÉM PROCURANDO ESCONDER OS ROSTOS. MARIANA, IMÓVEL, FICA CERCADA PELAS MULHERES.)

CLARA (Olhando para todos os lados**)**

- Nós te queremos da parte de Deus e da Virgem!

(ELISAURA, GRACIANA E GENOVEVA CAEM AJOELHADAS NO ADRO, DIANTE DA PORTA DA IGREJA. LEVAM AS MÃOS PARA A FRENTE E SUPLICAM JUNTAS.)

ELISAURA (Juntas**)**

- Dizei o que queres, Martiniano!

(A ESTE SINAL, AS MULHERES CORREM PELO LARGO E, ALUCINADAS, RESPONDEM, OLHANDO E APONTANDO PARA TODOS OS LADOS. POUCO A POUCO, OS SOLDADOS FORMAM UM GRUPO, NO ADRO, COMO SE PROCURASSEM DEFENDER-SE. VASCONCELOS NÃO CONSEGUE CHEGAR À ESCADARIA. AS FALAS DAS MULHERES DEVEM SER REPETIDAS QUANTAS VEZES O DIRETOR JULGAR NECESSÁRIO.)

MULHER (Direita alta**)**

- Pecadores empedernidos! Deixem as almas em paz.

MULHER (Esquerda alta**)**

- Dos fiéis as almas, Divino Senhor, Convosco descansem em paz e amor!

MULHER

- Descanse em paz!

VASCONCELOS

- Sargento! Entregue-me sua arma!

5º SOLDADO

- Sem túmulo as almas não sobem!

MULHER

- Orem pelos mortos!

VASCONCELOS

- Obedeçam-me! Saiam daí!

MULHER

- Orem pelos pecadores!

2º SOLDADO

- Ficam vagando!

MULHER

- Orem pelos injustiçados da montanha!

3º SOLDADO

- Ela... A alma dele está aqui!

SARGENTO

- É pecado gravíssimo!

5º SOLDADO

- Se não enterrar Deus castiga!

CLARA (Corre e grita , alucinada**)**

- Onde estás Martiniano!

MULHER

- Nas minas!

MULHER

- Orem pelo exposto na laje fria!

MULHER

- Nas galerias!

MULHER

- Orem pelo preso nas rochas!

GRACIANA (Correndo também**)**

- Onde estás, Martiniano!

MULHER

- Nas lajes!

MULHER

- Orem pelos perdidos na mata!

MULHER

- No adro!

MULHER

- Olhem pelos desesperançados da montanha!

ELISAURA (Correndo**)**

- Onde estás, Martiniano!

MULHER

- Nas velas acesas!

MULHER

- Orem pelos condenados!

MULHER

- Na igreja!

MULHER

- Orem pelos afogados!

GENOVEVA (Correndo**)**

- Onde estás, Martiniano!

MULHER

- No cemitério inacabado!

MULHER

- Orem pela alma sem túmulos!

MULHER

- No ar que respiramos!

MULHER

- No largo das MECES!

CORO

- Nas grutas e nos nichos sagrados de Pedreira das Almas!

(SUBITAMENTE, AS MULHERES ESTACAM, HIRTAS, COMO ESTÁTUAS. POR UM MOMENTO HÁ UM SILÊNCIO PROFUNDO. OS SOLDADOS, ACUADOS, OLHAM PARA TODOS SOLDADOS. VASCONCELOS OBSERVA OS SOLDADOS, DEPOIS NO MEIO DO LARGO E CERCADA PELAS MULHERES.)

VASCONCELOS (Com certa admiração**)**

- Mariana! Está fora do meu poder.. Mas, prometo, dou minha palavra que Gabriel não será morto. Se a condição é enterrar Martiniano... deixarei o povo descer ao vale e trazer terra para o cemitério. Pode falar! Cumprirei minha promessa.**)**

(PELA PRIMEIRA VEZ, MARIANA PARECE TOMAR CONHECIMENTO DO QUE A RODEIRA. OLHA, LIGEIRAMENTE, À SUA VOLTA, EXAMINANDO OS ROSTOS ANSIOSOS DAS MULHERES)

CLARA (Num sussurro angustiado**)**

- Mariana! Ajuda-nos!

ELISAURA

- Tu não podes sair presa. Gabriel seria condenado!

GRACIANA

- Volta do meio dos mortos, minha filha. É preciso lutar!!

GENOVEVA

- Precisamos de ti!

CLARA

- Sem Gabriel, ficaremos presos para sempre nesta terra pedrada!

(MARIANA VACILA. POUCO A POUCO, PARECE REVIVER. OLHA AS ROCHAS E ENCARA VASCONCELOS. SUBITAMENTE, O 2º SOLDADO CORRE DO ADRO EM DIREÇÃO DA ESCADARIA.)

2º SOLDADO

- Fala alguma coisa! Abre essa boca!

SARGENTO (Cerca-o na escadaria**)**

- Não toque nessa mulher!

(O SARGENTO E O 2º SOLDADO DESCEM A ESCADARIA, LUTANDO. OS SOLDADOS CORREM PARA O PARAPEITO.)

VASCONCELOS

- Sargento!

3º SOLDADO

- Não temos culpa.

VASCONCELOS

- Em seus postos!

5º SOLDADO

- Vosmecê é o culpado.

VASCONCELOS

- Saiam daí!

2º SOLDADO (Separando-se do sargento**)**

- Queremos sair desta cidade.

VASCONCELOS

- Covardes! Têm medo destas mulheres!

SARGENTO

- É preciso enterrar esse corpo!

VASCONCELOS

- Será enterrado quando Gabriel aparecer.

2º SOLDADO

- Seremos todos castigados!

SARGENTO

- Levaremos para as nossas casas... essa maldição!

VASCONCELOS

- Com maldição ou sem maldição, só sairemos de Pedreira depois que esse rebelde se apresentar. A senhora sacrifica o povo de pedreira por um homem?!

MARIANA (Com grande esforço**)**

- Para o povo de Pedreira... viver sem Gabriel... não será viver.

VASCONCELOS

- Pois o povo só terá liberdade se entregar Gabriel. Não tenho medo de almas, minha senhora, porque vivo no mundo do homens. Elas não me impedirão de cumprir o dever. Também tenho mortos, e sei que, expostos ou não, não passam de mortos. Estou aqui para defender a lei dos vivos, não a dos mortos! Isto, não me compete. Gabriel ou a senhora partirá comigo.

MARIANA

- Gabriel está na igreja.

VASCONCELOS

- Na igreja?!

MARIANA

- Pode ir buscá-lo.

VASCONCELOS

- Examinamos a igreja palmo a palmo. Como pode estar lá?!

MARIANA

- Estava escondido na galeria que liga o altar à gruta. Entrego Gabriel para dar descanso a Martiniano... e à minha me. Pode ir buscá-lo!

GRACIANA

- Urbana...?!

ELISAURA

- Desde quando?

MARIANA

- Hoje!

GENOVEVA

- Louve ao Senhor tudo o que respira!

MULHER

- Ouvi uma voz do céu que me dizia:

MULHERES

- Felizes os mortos que morrem no Senhor!

VASCONCELOS

- Fiquem em seus postos. Partiremos imediatamente. A senhora pode estar certa de que cumprirei minha palavra. **(**Ao Sargento**)** Acompanhe-me!

(VASCONCELOS E O SARGENTO CORREM PARA A IGREJA. SUBITAMENTE, MARIANA VOLTA-SE. AS MULHERES SE AFASTAM. QUANDO VASCONCELOS E O SARGENTO ENTRAM NA PORTA DA IGREJA. ESTACAM HIRTOS. O SARGENTO SOLTA UM GRITO DE PAVOR, LEVA AS MÃOS À GARGANTA E SAI CORRENDO.)

MARIANA (Muda completamente**)**

- Entre na igreja, senhor!

(VASCONCELOS AVANÇA ALGUNS PASSOS, MAS PÁRA, NÃO CONSEGUINDO DOMINAR-SE)

MARIANA (Corre para o adro**)**

- Gabriel está lá. Se entrar um pouco mais, poderá vê-lo.

(VASCONCELOS RECUA MAIS)

MARIANA

- Entra na igreja, diante de seus soldados, e prove que suas leis não são ímpias. Onde está sua justiça para ajudá-lo a transpor esta porta? Onde o poder que o levará até aqueles corpos? Não passam de mortos, disse o senhor! Então, deve ter coragem para insultá-los com sua presença.

VASCONCELOS

- Procurem Gabriel!

MARIANA (Cerca a porta**)**

- Não! Eles não! Eles apenas cumpriram suas ordens. É o senhor quem se diz representante da lei e da justiça. Somente o senhor entrará na igreja.

VASCONCELOS

- Soldados!

MARIANA

- Se o senhor não suporta, por que suportarão eles? O senhor nos prometeu um túmulo, se revelássemos onde está Gabriel. Gabriel está lá, como minha mãe, caído sobre Martiniano. O senhor nos impôs, como condição da sua opressão, o corpo exposto de Martiniano. Nós só lhe impomos, para a nossa delação, a sua entrada na igreja. Entre 3e veja o que suas leis fizeram dos homens, depois de terem feito à província, empobrecendo a terra com seus tributos e toda sorte de impiedades!

VASCONCELOS

- Minha senhora! Eu cumpro as leis.

MARIANA

- Leis de um governo que nunca aceitamos. O que é justiça para ele, é injustiça para Pedreira.

VASCONCELOS

- A senhora, como Gabriel, defende a desordem!

MARIANA

- Defendemos o direito de saber o que é melhor para nós.

VASCONCELOS

- O Governo é quem sabe o, que é melhor para cada um.

MARIANA

- Não esse Governo que governa com massacres. Os senhores começaram com a Bela Cruz! Pois foi de lá que saiu Gabriel para libertar Pedreira. Não precisamos mais defende-lo. Sua própria impiedade o defenderá. Entre o senhor e Gabriel estão Martiniano minha mãe. Faça-os viver primeiro, e Gabriel aparecerá. Faça desaparecer todas as injustiças cometidas ao vale, e o senhor terá coragem de entrar na igreja!

VASCONCELOS

- Ele vai aparecer **(**Grita**)** Gabriel! Mariana terminará seus dias numa prisão, se você mesmo não for buscá-la na capital da província. **(**silêncio**)** Gabriel! Que espécie de homem é você que se esconde covardemente? Saia dessa igreja! **(**Silêncio**)** Não poso acreditar que um homem abandone sua gente num momento como este!

MARIANA

- Ele não abandonou.

VASCONCELOS

- Onde está que não ouve os lamentos de Pedreira?

MARIANA

- Dentro da igreja!

VASCONCELOS

- A senhora está mentindo. Não é lá que está Gabriel!

MARIANA

- O senhor não teve coragem de entrar. Entre e veja!

VASCONCELOS

- Eu sei que não está. A senhora tem consciência do que isto significa?

MARIANA

- Repondo pelos meus atos.

VASCONCELOS

- Será processada e responderá pelo crime de Gabriel.

MARIANA

- Já estou com as mãos amarradas. Faça cumprir suas leis! Martiniano também estava, como está o povo da Província desde os dias da Bela Cruz. Desde que nossa montanha passou de

sesmaria de ouro a pedra para os mortos. Onde está Gabriel? Onde os mortos estão expostos, e os vivos, presos nas rochas, sonham com uma terra mais justa. Gabriel é a única saída deste túmulo imenso que seu Governo fez de Pedreira das Almas. Faça cumprir suas leis, já que não pode fazer os mortos reviverem. Este é o nosso preço, senhor. O meu e o seu. O senhor não terá nunca Gabriel, por que matou Martiniano... e eu... por que deixei Martiniano e minha mãe morrerem! Chame seus soldados e entre na igreja! Prove a eles que não teme os mortos. Que pode encarar seus crimes. **(**silêncio. Vasconcelos continua imóvel**)** Governos como o seu, senhor, só executam leis ímpias, mas com braços subordinados ou mãos escravas. Não presenciam nunca a verdadeira imagem de suas vítimas. Se o senhor entrar... **(**Vacila, fazendo um grande esforço**)**... naquele rosto desfigurado... que era a própria imagem do nosso sonho... verá a que ficou reduzida a Província sob sua justiça! Só aí poderá saber o que Gabriel representa para nós. Entre!... e Gabriel será seu! Eu também prometo!

(AS MULHERES E OS SOLDADOS FICAM OLHANDO PARA VASCONCELOS, NUMA ESPERA ANSIOSA. SUBITAMENTE, VASCONCELOS CAMINHA PARA O ADRO. QUANDO ENTRA NO PÓRTICO DA IGREJA, VACILA, ENCOSTA-SE NA PORTA, FIRMA-SE NOVAMENTE, DÁ MAIS ALGUNS PASSOS E PÁRA. OS SOLDADOS CORREM PARA A ESCADARIA. SUBITAMENTE, VASCONCELOS CURVA O CORPO E RECUA. OS SOLDADOS, AGRUPADOS, RECUAM TAMBÉM. QUANDO CHEGA NO TOPO DA ESCADARIA, VASCONCELOS VOLTA-SE E UMA EXPRESSÃO DE HORROR DOMINA O SEU ROSTO.)

2º SOLDADO (Grita**)**

- Assassino!

5º SOLDADO

- Sacrílego!

3º SOLDADO

- Entre na igreja!

SARGENTO

- Lutamos e matamos por suas leis!

2º SOLDADO

- Defendendo um Governo criminoso!

(SUBITAMENTE, OS SOLDADOS VOLTAM-SE E CORREM PARA A SAÍDA DAS ROCHAS, DESAPARECENDO. VASCONCELOS DESCE A ESCADARIA, ENQUANTO CLARA DESAMARRA AS MÃOS DE MARIANA. VASCONCELOS PÁRA NO MEIO DO LARGO, DE COSTAS PARA AS MULHERES.)

VASCONCELOS

- Direi na capital da Província... que Gabriel morreu!

(MARIANA OLHA FIXAMENTE O VALE, ENQUANTO O PRANTO CORRE PELO SEU ROSTO)

MARIANA

- Diga que ele está vivo... mas guardado no silêncio dos mortos!

(VASCONCELOS HESITA, LIGEIRAMENTE, DEPOIS CAMINHA, DESAPARECENDO ENTRE AS ROCHAS. AS MULHERES CORREM, ALEGRES, PARA MARIANA)

CLARA

- Mariana!

ELISAURA

- Pedreira está livre!

GRACIANA

- Logo, desceremos ao vale e partiremos para o Rosário.

GENOVEVA

- Vem! Vamos libertar Gabriel!

(MARIANA, COMO SE NÃO ESCUTASSE AS MULHERES, ANDA PARA A ESCADARIA, SUBINDO-A)

CLARA (Corre para o adro**)**

- Mariana!

(MARIANA PÁRA DE COSTAS, FAZENDO GESTO COM AS MÃOS, IMPEDINDO AS MULHERES DE ENTRAREM NA IGREJA)

MARIANA

- Não! Não entrem! Somente eu. Nem tirem Gabriel da gruta... antes que eu tenha enterrado os corpos. Não quero que Gabriel veja. Nem permitam que ele saiba um dia... que vi Martiniano com essa imagem. Façam o povo jurar.

(MARIANA DESAPARECE DENTRO DA IGREJA. AS MULHERES ENTREOLHAM-SE E COMEÇAM A SE AJOELHAR NO ADRO)

SEGUNDO QUADRO

CENÁRIO: O MESMO DOS QUADROS ANTERIORES

ÉPOCA: TRÊS DIAS DEPOIS.

AÇÃO: QUANDO SE ABRE O PANO, A ÁREA ENTRE O ADRO E O ROCHEDO, À ESQUERDA, ESTÁ INTEIRAMENTE CERCADA PELO PAREDÃO DE PEDRAS. POR CIMA DO PAREDAO, VEMOS UMA CRUZ DE MADEIRA, COM UMA VELA ACESA EM CADA BRAÇO E NO TOPO. A CASA COLONIAL, À ESQUERDA, ESTÁ SEM PORTAS E JANELAS. ESPARRAMADOS PELO LARGO, PEDAÇOS DE TÁBUAS, FOLHAS DE PAPEL, TELHAS QUEBRADA, INDICAM QUE A CIDADE JÁ FOI ABANDONADA. MARIANA, PARADA JUNTO À ROCHA, OLHA FIXAMENTE PARA FRENTE. GONÇALO, PERTO DA ESCADARIA, OBSERVA MARIANA. APESAR DE MAIS ENVELHECIDO, PARECE TER-SE LIBERTADO DE UM PESO, DEMONSTRANDO PAZ INTERIOR. A BATINA MOSTRA, POR BAIXO, UM PAR DE BOTAS DE VIAGEM. NO ADRO, GRACIANA, GENOVEVA E ELISAURA ESPERAM UM PRONUNCIAMENTO DE MARIANA.

GONÇALO (Cansado**)**

- Mariana! Sem a companheira que escolheu, o homem não tem incentivo, vive só.

MARIANA (Fecha os olhos, procurando controlar-se**)**

GONÇALO

- Já disse e repito, minha filha: pode partir! Desliguei você de todas as promessas. Assim, você tira a alegria deles. Faz Gabriel sofrer. Venha conosco! Deus sabe o que determina.

MARIANA (Pausa. Olha as rochas novamente**)**

GONÇALO

- Quando tomei a resolução que estava atendendo à vontade de Deus. Comuniquei à Diocese que não podia deixar o povo de Pedreira partir para um lugar sem igreja e, qualquer que fosse a resposta teria ido assim mesmo, porque aquela que senti dentro de mim era mais forte. **(**Observa a igreja**)** Essa ausência de sofrimento ao abandonar minha igreja, é a maior graça que poderia receber de Deus. Nas matas distantes, minhas capelas serão ainda mais sagradas, porque estarão perto dos homens. Minha filha! A gente deve viver é para os outros. É essa a única condição.

MARIANA (Pausa. Mariana contrai-se, revelando grande amargura**)**

GONÇALO (Olha para as mulheres e faz gesto de desanimo**)**

GENOVEVA

- Já fizemos tudo.

ELISAURA

- Não sabemos mais o que dizer.

GRACIANA

- Está na hora, Padre Gonçalo

GENOVEVA

- Estão nos esperando na capela.

ELISAURA

- Não podemos ficar mais.

GONÇALO

- Como pode viver aqui, assim? Sem nada... apensa com algumas pessoas e escravos?!

MARIANA (Dá um passo à frente, evitando a proximidade de Gonçalo**)**

GONÇALO

- Não queria partir sem dizer... que está desobrigada diante de Deus. Espero que encontre paz.

MARIANA (Abaixa a cabeça**)**

GONÇALO

- Adeus!

(GABRIEL APARECE À PORTA DA IGREJA. GONÇALO OLHA PARA ELE E FAZ GESTO DE QUE TUDO FOI INÚTIL.)

GONÇALO

- Não demore. Gabriel! O povo já desceu e espera aflito.

GABRIEL

- Descerei logo.

GRACIANA

- Adeus, Mariana!

GENOVEVA

- Que Deus ilumine você.

ELISAURA

- Você vai sofrer, minha filha.

MARIANA (Abaixa a cabeça**)**

GONÇALO

- Vamos!

ELISAURA

- Onde está Clara? Estava conosco na igreja!

GRACIANA

- Já deve ter descido

(GONÇALO E AS MULHERES OBSERVAM A IGREJA, O LARGO, AS ROCHAS E A CASA. GRACIANA E ELISAURA VAI ATÉ A ENTRADA DA GRUTA E TIRAM UMA PEDRA DAS ROCHAS. DEPOIS SAEM EM DIREÇÃO DO VALE, NUMA DESPEDIDA MUDA. GABRIEL DESCE A ESCADARIA E APROXIMA-SE DE MARIANA. MARIANA FICA NUMA EXPECTATIVA DOLOROSA, ENQUANTO GABRIEL PARADO NO MEIO DO LARGO, OLHA PARA ELA ANGUSTIADO.)

GABRIEL

- Precisamos falar, Mariana.

MARIANA

- Falamos tanto, Gabriel!

GABRIEL

- Devo partir. Prometi uma vida melhor para eles.

MARIANA

- Eu compreendo.

GABRIEL

- E tudo era para ti.

MARIANA

- Por favor, Gabriel.

GABRIEL

- Mariana!

MARIANA

- Parte, Gabriel! Deixe-me! Agora, tens compromisso é com o povo.

GABRIEL

- Tinhas também comigo.

MARIANA

- Tudo mudou.

GABRIEL

- Não para mim.

MARIANA

- Gabriel! Queríamos partir livres. Hoje não somos mais. Não poder abandonar o povo, nem eu Pedreira.

GABRIEL

- Também não posso te abandonar.

MARIANA

- Se perdesses tua determinação... não poderia mais amá-lo. Amei-te pelo que eras, pelo mundo que sonhaste conquistar.

GABRIEL

- A verdade é que vamos viver sempre sós.

MARIANA

- Terás tuas terras e tudo que elas representam.

GABRIEL

- Sempre, Mariana! Tu , aqui, onde só há mortos. Eu lá, onde há vivos que já não representam a mesma cosia.

MARIANA

- Foram eles que lutaram por ti.

GABRIEL

- E assim tua mãe conseguiu destruir nosso sonho.

MARIANA

- Minha mãe só tinha amor.

GABRIEL

- Que amor é esse, Mariana, que nos faz sofrer?

MARIANA

- Mesmo que quisesses, não poderias ficar. Também eu, se desejasse, não conseguiria partir. Aceito tudo sem sofrimento, porque deve ser assim. não pedi, nem admitiria que ficasses. Por que devo partir sentindo tanta necessidade de ficar?

GABRIEL

- Mariana! Ninguém realiza tal aspiração sem sofrimento.

MARIANA

- Não é sofrimento que me prende a Pedreira das Almas.

GABRIEL

- Morte é sofrimento, Mariana.

MARIANA

- A vida também pode ser.

GABRIEL

- Então, não tinhas amor por mim.

MARIANA

- Mais forte do que as promessas é a morte que nos liga à terra. Sinto tudo dentro do meu corpo, como se fizesse parte do meu sangue. As rochas... a igreja... o adro!

GABRIEL

- Mariana! Não podemos passar a vida venerando mortos. Foi para escapar a isso que sonhamos partir . é preciso saber escolher, Mariana.

MARIANA

- Isto não depende de escolha. Há coisas que não podemos evitar.

GABRIEL

- Mudaste muito. Mal te reconheço!

MARIANA

- Gabriel! Duas pessoas perderam a vida. Não compreendes? Duas pessoas que eram a minha família. Como queres que seja a mesma?

GABRIEL

- Também perdi a minha.

MARIANA

- Há muito tempo. Viveste sem ela.

GABRIEL

- Prometeste uma para mim. Não te lembras?

MARIANA

- Não a este preço.

GABRIEL

- Mas que preço? Foi o próprio mundo de Pedreira que matou Martiniano, como matou minha família.

MARIANA

- Nossos morto não podem ser abandonados.

GABRIEL

- Não sabes mais pensar a não ser em mortos?!

MARIANA

- Vivo conforme meu princípios.

GABRIEL

- Não eram princípios teus, há poucos dias atrás.

MARIANA

- São agora. Quando menos esperamos, ficamos presos a compromissos superiores aos nossos sentimentos.

GABRIEL

- Que compromissos?

MARIANA

- Tu, com o povo que agora tem o direito de partir. Eu... com os mortos
de Pedreira. Eles precisam de mim! Sei que Pedreira não morrerá enquanto eu estiver aqui.

GABRIEL

- Não viverá . nunca mais!

MARIANA

- Pertencemos a mundos diferentes!

GABRIEL

- Não! É ódio que vem daquele adro.

MARIANA

- Não havia ódio! Minha mãe não falou. Morreu pouco a pouco. Atendeu ao pedido de Martiniano. Lutou também com seu silêncio.

GABRIEL

- Mas com seu ódio destruiu minha vida. Ela prometeu!

MARIANA

- Não era ódio! Era amor, já disse. Pedreira não está em teu sangue, não podes compreender.

GABRIEL

- Compreendo, sim. **(**Vai ao adro**)** O ódio pertence a ti , Urbana.
Desprezo tua cidade. Ignoro teus mortos. Odeio-te, agora mais do que me odiavas.

MARIANA

- Não insultes minha mãe!

GABRIEL

- Com aquele ódio, só poderias destruir os que queriam viver.

MARIANA

- Não destruiu. Revelou o sentido de tudo!

GABRIEL

- É a vida que tem sentido. Só a vida tem sentido!

MARIANA

- Tem tanto... que se não fossem os mortos não estarias aqui.

GABRIEL (Desorientado**)**

- Saí daquela canastra na Bela Cruz para crescer entre mortos, esperando a morte de meu pai para viver. Não lhes tenho amor porque não me deixaram viver em paz... e agora destroem a minha esperança.

MARIANA (Torturada**)**

- Sai deste adro!

GABRIEL (Completamente desorientado**)**

- Pois, fica com eles!

MARIANA (Numa súplica dolorosa**)**

- Parte de Pedreira das Almas! Aceita teu compromisso como aceito o meu! Não vês que esse compromissos são mais fortes do que nós?

GABRIEL

- Mariana! Por que me deixaste preso na rocha, como se estivesse naquela canastra? Por que não me denunciaste? Por que nos prendeste para sempre a esses mortos?

MARIANA

- Porque da agonia de Martiniano brotou a imagem da terra distante... e todo o povo lutou e sofreu. Para o povo, a vida não era mais possível sem ti. Nosso sonho já não nos pertencia.

GABRIEL

- Sem ti e Martiniano... não será partir, Mariana.

MARIANA

- Ele morreu para que partisses... e vai partir, Gabriel. Levarás a única, a verdadeira imagem de Martiniano. A outra pertence a Pedreira, é minha! Somente eu vi! Depois disto... a vida não é mais livre.

GABRIEL (Pausa**)**

- Quando não é mais possível conquistar o sonho como ele era... é preferível morrer!

MARIANA

- Aquelas terras são generosas os mortos também. Viveremos em paz.

GABRIEL

- Mariana!

MARIANA

- Gabriel! **(**Abraçam-se**)**

GABRIEL

- Que foi que fizemos, Mariana?

MARIANA (Com grande esforço**)**

- Nada, Gabriel! Apenas, tu nunca pertenceste a Pedreira. Nem eu e Martiniano... pertencemos ao planalto.

(POR UM MOMENTO, FICAM ABRAÇADOS, DOMINADOS POR UMA GRANDE DOR. DISTANTE, O POVO COMEÇA A CANTAR)

CANTO DO POVO

- O regato de Deus encheu-se de águas
Fizeste-lhe crescer os cereais.
Destilam fartura as pastagens!
Os outeiros se cingem de júbilo!
Os campos se revestem de rebanhos!
Os vales se cobrem de cereais!

Cantam e exultam à porfia!

(MARIANA SEPARA-SE DE GABRIEL, FICANDO DE COSTAS PARA ELE)

MARIANA

- Parte, Gabriel! O povo te espera!

GABRIEL (Caminha até a rocha**)**

- Foi sentado nestas rochas... onde sonhamos tanto... que Martiniano resolveu me acompanhar! Nenhum argumento meu conseguiu demove-lo! Ele dizia: "Desço para o vale para lutar pelas minhas figueiras!"

(ENQUANTO MARIANA FALA, GABRIEL VAI SE AFASTANDO EM DIREÇÃO DA SAÍDAS DAS ROCHAS)

MARIANA

- As figueiras! Elas viverão também nestas rochas!

GABRIEL (Afastando-se**)**

- Foi nestas rochas... ouvindo Marta ... que tudo começou a viver!

MARIANA (Perdida**)**

- E começamos a sonhar com uma terra onde o trabalho seria a lei, o amor, a justiça... e o horizonte uma porta sempre aberta.

GABRIEL

- Pedreira! ... vista de longe, perdida entre as nuvens, parece uma estrela branca de mármore! **(**Consigo mesmo**)** O passado é um monstro... que nos acompanha para onde vamos!

MARIANA (Numa evocação dolorosa**)**

- Onde figueiras enormes, sobre águas mansas e barrentas... **(**Gabriel volta-se e desaparece**)** debruçam galhos... cheios de ninhos de guachos...!

(MARIANA PÁRA, PERCEBENDO QUE GABRIEL SAIU, O CANTO DO POVO SE ELEVA. MARIANA FICA PARADA SEM FAZER QUALQUER MOVIMENTO. CLARA SURGE NA SAÍDA QUE LEVA À CIDADE, ACOMPANHADA POR UM ESCRAVO QUE CARREGA UM RELÓGIO GRANDE DE PAREDE.)

CLARA

- Desça e leve o relógio. Tome cuidado.

(O ESCRAVO SAI E CLARA PÁRA NO MEIO DO LARGO, MARIANA CONTINUA DISTANTE DE TUDO. CLARA FAZ UM GESTO COMO SE FOSSE FALAR, MAS DESISTE. SUBITAMENTE, DIRIGE-SE PARA A SAÍDA DAS ROCHAS E DESAPARECE. DEPOIS QUE CLARA SAI, MARIANA SOBE A ESCADARIA. PASSAM, LEVADAS PELO VENTO, ALGUMAS FOLHAS DE PAPEL. O VENTO BATE EM MARIANA, AGITANDO SUAS ROUPAS. QUANDO CHEGA NO TOPO DA ESCADARIA, MARIANA VOLTA-SE E OLHA O VALE, ESCUTANDO O POVO QUE CANTA. O CORO, SUMINDO, CONTINUA REPETINDO A FRASE...)

POVO

- Os campos revestem de rebanhos!

Os vales se cobrem de cereais!

Cantam e exulta à porfia!

(MARIANA ENTRA NA IGREJA)